

**HOTEL SIESTA**



Feliciano de Mira

**HOTEL SIESTA**

Copyright © 2016 by Feliciano de Mira

Catálogo na publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica feita pelo autor:

M696h	Mira, Feliciano de <b>Hotel Siesta</b> /Feliciano de Mira. Arraiolos, 2016. 124p.; il.
	ISBN:
	1. exemplo - exemplo 2. Exemplo 3. Literatura
	I. Título
	CDD: B869.8

**I - Hotel Siesta**



**Belo Horizonte, Ago. 1993** - Quando senti que a desconstrução global começava a tomar conta do mundo, abri a palma da minha mão esquerda e vi sair o reflexo incandescente das pedras vulcânicas de El Salvador Centro América. Eram pedras de um passado misterioso e exótico que os antigos Maias adoraram e que lhes ensinaram as três diferentes contas do tempo<sup>1</sup>. Minutos depois, sou informado de que a minha próxima missão vai ser no Programa de Reinsercion Y Fomento de Empleo para Desmovilizados da Secretaria de Reconstruccion Nacional em El Salvador Centro America. A ARENA-Aliança Republicana Nacionalista e a FMLN-Frente Farabundo Marti de Liberation Nacional assinaram no México os Acuerdos de Chapultepec (16, Janeiro/1992) e a sua execução, inclui a passagem para uma nova vida dos desmobilizados da guerra civil de ambas as partes. Já estou a pensar em castelhano enquanto escuto as vozes do "livro de horas" onde todas as preces dos gritos dos mortos estavam escritas: quando tu chegas ou a guerra acabou ou está para começar<sup>2</sup>.

**Entre Madrid e Miami, Set. 1993** - Em Portugal respira-se à direita e à esquerda a alegre boa-aventura da integração europeia e todos seguem cantando e rindo de vento em pôpa. Depois de uma breve passagem para reencontrar

1. No calendário Maia transcorrem simultaneamente 260 dias; 365 dias; 5.125 anos. Em 21 de Dezembro de 2012 é o final do grande ciclo ou conta-longa

2. Assim tinha acontecido para Moçambique, Angola e Etiópia.

a heróica família, a Menina tem quatro anos de idade, estou outra vez a voar para Miami no meio de altas medidas de segurança e de polícias à civil, desconfiados de todos e deles mesmos. Em direção ao Triângulo das Bermudas, onde aviões e barcos são desviados das rotas para desaparecerem nos mundos misteriosos do centro da Terra, tenho por companheiro de viagem Eduardo Galeano, autor de "*Las venas abiertas da América Latina*" que sussurrava-me ao ouvido os motivos da longevidade da ditadura militar salvadorenha, que desde 1930 sobrevivia como um pneu furado, num território tão "tchitikite" como El Salvador Centro América. As maiores resistentes eram as deliciosas popusas, designação em língua nahuat para uma torta feita com massa de milho ou arroz, recheada de queijo, feijão, carne de porco ou frango (chicharrón) e que podemos comer acompanhada de repolho e molho de tomate. Como é maravilhoso ouvir os livros a falar, com a cabeça mais próxima do céu e da lua sem os pés estarem assentes na terra, mantendo-me concretista e progenitor de verdades poéticas de outra-tradição.

**Miami, Set. 1993** - A primeira grande sensação visual do novo mundo foram os cachorros a farejar o corpo e as bagagens, o exibicionismo da polícia de fronteiras que tinha umas unhas pintadas de vermelho e tão compridas que enrolavam até ao pulso. Tinham-me avisado em criança que as unhas são venenosas, pelo que fiquei

surpreendido pelo arrojo da agente de autoridade desafiar assim o vocabulário da saúde pública. E numa linguagem oblíqua, cumpro as formalidades da emigração, agora havia de percorrer mais uns corredores, atravessar as malhas da extenuante publicidade, umas passadeiras e mais outras escadas rolantes para testar o ritmo cardíaco até chegar ao balcão da American Airlines para fazer um novo check-in. Quando estava prestes a terminar este procedimento, sou informado de que deveria cancelar o embarque. Um grupo de guerrilheiros aproveitou a siesta dos vulcões, e recusava aceitar as condições de acantonamento. Tinha-se amotinado e bem armado controlava a estrada entre o aeroporto e a capital, San Salvador. Eu estou informado que depois dos milhões de dólares gastos pelo governo americano a apoiar as tropas da ARENA sem qualquer benefício para a população, e das falhadas ofensivas finais da FFMLN, teve de ser um expressivo terramoto a obrigar as partes beligerantes a sentarem-se à mesa de negociações. Como já tinha ficado à espera de Godot, cumpro as instruções e comecei a procurar formas de desafiar a espera do não-lugar. Estou instalado no Miami International Airport Hotel situado no Terminal Concourse-E) enquanto aguardo nova autorização para embarcar. E durante três dias desenho uma cartografia de sorrisos e olhares trocados com mulheres bonitas, leio a imprensa mundial, experimento runs de boa qualidade. Nesta etnografia

de sensações entrego a cabeça a um barbeiro cubano cheio de anéis de ouro nos dedos, de aspeto semelhante a "Company Segundo". Enquanto os caracóis do meu cabelo tombavam indefesos no chão ao som ritmado do tilintar da tesoura, contou-me que tinha saído de Cuba por causa do Fidel Castro e apresentou mil argumentos para o seu anti-castrismo. Esta situação acentuou a linha divisória dos dois cheiros que encontramos nos aeroportos: o cheiro à chegada e o cheiro à partida. Quando se fica muito tempo dentro de um aeroporto o olfacto deixa de funcionar e ficamos desprotegidos. Entretanto, as pedras do Izalco Ilamatepec ou Lhamatepec, em língua pipil, voltaram a mudar de cor. O mau presságio que cresce da cavidade da cratera, obriga a tomarmos decisões rápidas, sair dali e partir, ou aguardar as asas azuis dos anjos protetores. Durante a noite apareceu-me um corvo e decido ficar para escrever mais tarde em Paris: Se amas os pássaros deixa que te confie um segredo. Se amas os pássaros deixa-los partir pelos céus do mundo, é a tua maior prova de amor.

### **El Salvador Centro América, Set. 1993**

- Ao atravessar a pista de acesso ao hangar do Aeroporto de Comalapa, perdi a pulseira de espinha de peixe, feita pelos índios Kamaiurá do Alto Xingu, que me deveria acompanhar e proteger. Mais tarde vim a perceber de que se tratava de um aviso premonitório de má-sorte. Um mau-olhado de invejas e ciúmes fora-me

arremessado por gente sem caráter. Acusei o toque mas segui, observando a paisagem da mesquinhez e dos ruídos, com o jeep carregado de malas e equipamentos. Assim atravessámos incólumes as barragens dos guerrilheiros amotinados, mais interessados em mostrar as armas do que em verificar o que transportávamos. Apenas quando já dentro da cidade desembocámos em San Benito, somos confrontados com uma forte manifestação de camponeses. As mulheres e os homens vestem roupas coloridas e fazem gestos abertos, protestam na rua contra os assassinatos dos *Escuadrones de la Muerte* e exigem a reforma agrária. O movimento da tuba e as palavras de ordem atemorizam o pessoal da embaixada alemã, assustados com a energia dos querubins. Estamos imobilizados à entrada da Avenida de la Revolucion que nos leva, reto, até ao Hotel Presidente onde devemos ficar alojados. Os milhares de manifestantes que desfilam sabem muito bem o que querem, o que já sofreram e que desafios enfrentam. Apesar do cansaço da viagem, as circunstâncias e a minha memória alentejana juntaram-se, para em inspirada arrancada sair do jeep e viver a luz da rua. Misturei-me entre as pessoas que me olhavam com simpatia e passados uns 500 metros desaguei no jardim do hotel. Depois foi atravessar o cordão de segurança e alcançar a recepção até cair na cama do quarto. O corpo necessitava de repouso, porém sou acordado pelo som do telefone e convocado para um briefing, onde um perito em segurança informa que estamos interditos de sair do hotel.

Depois de uma passagem revigorante pelo bar, fui assistir da varanda do meu quarto aos discursos políticos da vigília de protesto que ocupava a frente do hotel, intercalados por missas celebradas por mais de dez padres com hóstias feitas de pão que a guerrilha amassara. Os paramentos dos sacerdotes têm adornos com uma forte presença do anil de Jiquilite ou Xiuhquilit (na língua Nahuatl); faziam-se sentir a presença dos departamentos de San Miguel, Chalatenango e San Vicente. Os ensinamentos de um Deus misericordioso rendiam tributo às lutas dos pobres.

### **El Salvador Centro América, Set. 1993**

- Os protestos continuam e passados dois dias, ainda não conseguimos trabalhar. O imponente Hotel Presidente serviu de *head-quarter* dos conselheiros americanos, que dali dirigiram os contra-ataques das forças governamentais durante a "Ofensiva Final" de 1989. Dentro de dias no mesmo hotel vai a ARENA realizar a sua convenção nacional. O lugar é emblemático e incompatível para a nossa atividade. Os *escuadrones*<sup>3</sup> continuam a matar dirigentes

3. Os *Escuadrones de la Muerte* de El Salvador estavam divididos em grupos que tomaram diferentes designações: Brigada Anti-Comunista Maximiliano Hernández Martínez; Frente Político Anti-comunista; Asociación Patriótica Libertad o Esclavitud; Brigadas Proletarias Salvadoreñas; Brigada Anti-Comunista Salvadoreña; Unión Guerrera Blanca (Mano Blanca); Fuerzas Armadas de Liberación Anticomunista - Guerra de Eliminación - (FALANGE); Escuadrón de la Muerte (EM); Organización para la Liberación del Comunismo; Frente Anti-Comunista para la Liberación de Centroamérica (FALCA); Legión del Caribe; Brigada Anti-Comunista de Oriente (BACO); Brigada Anti-Comunista salvadoreña (BACSA); Grupo de exterminio social (Sombra Negra).

de esquerda que saem da clandestinidade, por terem apoiado a guerrilha da FMLN durante a guerra civil. A reconciliação continua inscrita a sangue.

### **El Salvador Centro América, Set. 1993**

- Ao levantar-me da cama cumpriu-se o **aviso dos peixes**, um trambolhão e logo fiquei com dificuldade em andar e de endireitar as costas. Mesmo com as fortes dores que não me deixavam estar nem de pé nem sentado, fui ao briefing da tarde para ser informado de que alguns grupos da guerrilha, estavam a atravessar as Honduras para reforçar a rebelião em Chiapas. A minha curiosidade de ir ao terreno só amainou pelas dores do "**mau jeito**" porque onde se põem os pés põe-se a cabeça. Por outras fontes sabia que não precisava de endireita nem médico, apenas de um novo tempo emocional. Foi-me explicado que uma forte descarga elétrica desceu pelo cérebro através de canais aferentes, percorreu a coluna vertebral via medula, passou pela coluna lombar e desceu pelos nervos raquidianos das pernas até às terminações livres que se encontram nos pés. Aqui estava a origem do mau jeito. Uma descarga elétrica criou um campo eletromagnético e impediu que o sangue retornasse aos vasos sanguíneos de maneira natural, obstruindo parte dos neurónios envolvidos na comunicação órgão-cérebro. A astrologia carmica vinha-me dizer que o feiticeiro pintou a minha imagem no deserto, mas também o Herberto Helder escrevera «areia de

ouro - teus olhos, / areia vermelha - a tua boca, areia azul para os cabelos, e branca, branca areia, para as minhas lágrimas» (Poesia Toda). Os figurões que sabiam da minha simpatia desferiram um ataque traiçoeiro, como fizeram aos 40 mil desaparecidos da guerra civil. Era preciso discernimento, mas tinha de tirar a prova dos nove do que se estava a passar. Ou seria feitiçaria traiçoeira de magarefes da margem esquerda, aliados com intragáveis reacionários da margem direita? Abro um espaço em branco e vou passar a colecionar postais com recordações de belas tardes passeando pelos moinhos do Guadiana. Depois vou até ao bar: os factos sociais são primeiros históricos, portanto irreversíveis e irrefutáveis. O fenómeno social é além disso um fenómeno de facto e de ideal.

### **El Salvador Centro América, Set. 1993**

- Mudámos para o Hotel Siesta onde o tempo tomou outra coloração e o repouso na cama adquiriu outra alegria; repousar no cheiro do outro e nas transparências da alma; habitar o jogo da sedução, quando o namorar se torna um jogo e o jogo é confundido com o namorar. Então **eu querendo muito tenho procurado não esquecer os ensinamentos da terra ir-te ver nos olhos e deixar você ver minha alma em meus olhos** que são tão transparentes que nos deixam descobrir que todos podemos falar de tudo desde que a troca seja justa e o sentimento de comunhão impere.

**El Salvador Centro América, Set. 1993**

- Depois do jantar, um professor guatemalteco descreveu-me o momento em que os militares entraram pela casa adentro e levaram o pai que nunca mais voltou a ver. À minha frente estava um homem grande a chorar pelo pai de quem gostava tanto e que lhe roubaram em criança, para engrossar a lista dos desaparecidos. Também na Argentina o marido da nossa amiga desapareceu levado pelos homens da ditadura militar. Nesse dia saiu para o trabalho como nos outros dias, mas a partir desse dia nunca mais voltou. A filha continua todos os dias a ir à porta de casa esperar por ele, na esperança que ele ainda volte à hora em que se sentia abraçada.

**El Salvador Centro América, Out. 1993**

- Os generais da ARENA vestem a rigor e com brilhantina no cabelo marcam com precisão o risco do penteado; os comandantes da FMLN tomam um porte discreto de dever cumprido; ambos têm em comum o *fúsil* com quem se fazem acompanhar, seguro entre o corpo e a traseira das calças. A Catedral está em obras e Don Romero repousa na paz da cidade dos pássaros, escuta um concerto de câmara para silêncios outonais.

**El Salvador Centro América, Out. 1993**

- No dia 29 do próximo mês, um eclipse lunar total pode ser visto, repetindo-se nos palcos do céu o que aconteceu em 4 de Junho passado. É o Ciclo de Saros (18118-18 anos, 11 dias; 8 horas) de

volta à Lua para repetir um eclipse semelhante ao que ocorrerá na próxima terça-feira, dia 26 de Junho de 2029.

**El Salvador Centro América, Nov. 1993**

- Anel de noivado com pedra azul. Na mesma sala estão sentados os prostitutas, a moral e as camponesas. Um coro de cegos persiste em acompanhar o patriarca em fim de caçada. Vamos até à Zona Rosa comer tamales salvadoreños e horchatas e saber do negócio das armas, pelos olhos morenos de uma salvadorenha atrevida e contadoira. Damos graças a la vida com Mercedes de Sousa, depois Los Guaraguao e Carlos Mejia Godoy: *Vivirás Monimbo*. Acabamos a cantar em coletivo o Sombrero Azul de Ali Primero: *"El pueblo salvadoreño tiene el cielo por sombrero, tan alta es su dignidade"* a força de um pássaro pequeno quando sobe para voar. *"Dále salvadoreño, dále que no hay pájaro pequeño, dále que después de alzar el vuelo, dále se dentenga en su volar"*.

**El Salvador Centro América, Nov. 1993**

- Depois de assitir à Convenção da ARENA, decido ficar no sopé do Cerro Verde a beber runs e a ler, em vez de escalar o vulcão de 2.381 metros acima do nível do mar, é mais um vulcão entre os 200 existentes numa superfície de vinte e um mil quilómetros quadrados. Os passeios em grupo ao fim de semana cansam-me, tornam-se um prolongamento das atividades da semana anterior e a introdução aos trabalhos da semana seguinte. Prefiro ir a Estero Jetepeque

para tomar banho no Oceano Pacífico, entrar pela Puerta del Diablo e atravessar o desfiladeiro «El Chulo». As areias brancas da Playa Los Cobanos, são deliciosas para passear.

**El Salvador Centro América, Nov. 1993**

- A Baía de Jiquilisco está repleta de mangais e nas areias negras da Playa del Metalio recordo as areias da Praia do Pópulo em S. Miguel. No regresso vou jantar com uns exilados bascos da ETA e falámos estórias da vida, da terra e da lava; falámos dos Conventos de El Salvador (Santo Domingo,1545; San Francisco,1574; La Merced,1625) e falámos do movimento nacional de libertação da Euskadia.

**El Salvador Centro América, Nov. 1993**

- Quando vou observar o eclipse o meu pensamento e o meu coração estão no Alentejo. *As efemérides da Lua misturadas de cinza vulcânica e de austeridade ecológica, obrigam-me a um resumo mensal das temáticas que deverei publicar na sociologia do estrangeiro* e que são as seguintes: Vou à sede do Partido Comunista de El Salvador ouvir as opiniões de Norma Guevara sobre as alternativas da transição; conheço ex-guerrilheiros pobres que são sociais-democratas e lutaram de armas nas mãos; visito as regiões ocupadas pela guerrilha, seguindo alguns dos trilhos do camando da FMLN e da Rádio Venceremos; estou nas "Honduras! Honduras! tan cerca dos EUA e tan leja de Dios"; estou na

"Nicarágua Nicaraguita, la flor mais linda de mi quer". Estou na Capela do Hospital da Divina Providência em San Salvador onde o Arcebispo Óscar Romero foi assassinado quando celebrava missa; e estou em outros lugares que guardo no corpo e na alma, com amor amor, carinho e lágrimas.

**El Salvador Centro América, Dez. 1993**

- E numa alegoria ao mundo a romã explica a simetria do inexistente, a geometria das escalas inertes, o que distingue e aproxima a densidade moral dos factos sociais da conduta individual, a partir do ponto vinculado em cada uma das suas grainhas, e na textura do conjunto, assume a plural individualidade capaz de assegurar o cumprimento da promessa de garantir que a boa linha proteja o caminho da luz e da verdade, na aceitação do capítulo do silêncio e do sigilo. E ao aprender do anterior pelo seu interior em cada medida da fala, é-se desperto por duas medidas de silêncio, ilustrando a importância de pensar antes de falar.

**El Salvador Centro América, Dez. 1993**

- Fim de missão, ou intervalo de missão? Que simbolismo representa este pequeno país que acompanhei tão de perto nos últimos 15 anos? É 18 de Dezembro de 1993 e chego cedo ao aeroporto. Interrogo-me sobre o papel e a utilidade de ser consultor internacional ao serviço do governo alemão. A economia é uma arte de guerra, onde nem tudo o que é legal é justo.

**Miami, Dez. 1993** - Trago na mala uma coleção de crucifixos pintados com as cores alegres da natureza. Regresso a casa com numerosas ofertas que recebi de mãos generosas. Tenho saudades da menina e de quem mais gosto. Os arranha-céus estão mais iluminados com a proximidade do Natal, em Nova Iorque neva, os aviões para Frankfurt estão atrasados, os relatórios vão ser entregues em Hamburgo. A chegada a Lisboa marcará mais um momento entre muitos outros que haveria de fazer à volta do mundo.

**Évora, Jan. 1994** - Como explicar a pintura a um cego? A cidade museu da minha adolescência vive de suspeições e maldiscências. Voltei a falar com conhecidos que aguardavam notícias. A sua profissão é esperar todos os dias debaixo dos arcos da Praça do Giraldo notícias de todos os géneros, cartas de Lisboa, de Moscovo e Nova Iorque. E assim passou o Verão quente e o trigo transformou-se em uva. Em Bruxelas o 25 de Abril tornou-se a sétima numeração do tarot dos pobres, a bainha da Primavera teve de ser subida e as lutas anteriores colocadas de pousio a lavrar o esquecimento. Então atravesso a cidade como um vagabundo, um colar de búzios pendurado ao pescoço e a barba comprida até aos joelhos. Essa farinha que cobre o pão da escrita caótica e carrega a filosofia do cão sangrento da história, as trevas letárgicas do Império perdido, misturado de preces e devaneios e amores, mais fragmentos, morangos, crisálidas e outros mais

momentos dispersos por esse mundo fora. Os livros não se deitam fora. O leão de cobre e a chicara de esmalte, fugiram à curva da valêra quando deixamos de ver o Castelo de Arraiolos: cumpria-se a profecia das estradas e as camponesas ficaram sempre-noivas da terra.

**Maputo, Mar. 1996** - Se o primeiro é um poema múltiplo este é um conto, um retrato individual mediterrânico, místico e tropical, uma simples fotografia triangular de retratos em diálogo com os espelhos. Com os espelhos do mar que soam por dentro dos búzios de Pangane, e o terrestre carocha voador visitando cafés abandonados, a deriva das anotações, conversas a lápis e depois a siesta que dá alegria à esteira dos afetos e refloresce os encontros de quarto.

**Lisboa, Mai. 1997** - O espetáculo da exibição saiu à rua para destruir a poesia dos encantos líquidos do olhar. Em Lisboa apregoam-se ameaças sem título. A população menos envolvida na pregação acompanha com amor os cacilheiros que levam para suas casas, os mestres das construções dos provérbios, a pressa fascinante dessas vidas de ida e volta da margem sul ante os mistérios dos mares e da Lua de aviso: terra, ruído, corpo-nu e mala. Há praças sobrepostas de história e mirantes de granito cru onde crescem apelos antigos. A poesia continua pelo pátio da incógnita e o nevoeiro está sentado na margem exterior das

pupilas da alucinação enquanto escuto as palavras do relógio tropical. Os barcos seguem os riscos da via láctea, para além das colinas dos corvos, onde o canto dos corvos desvanece as rochas dos penhascos vermelhos. Chegados ao vale dos aflitos, pousamos as ideias e com os fios das chuvas tecemos tranças com folhas de eucaliptos. A corrente de ar que solta as paisagens salgadas de mar, em contramão aos destinos do Rio Tejo.

**Paris, Set. 1998** - Trompete solo, sobre texto e voz. Em 26 de Setembro descrevi a mesma situação que havia vivido na adolescência; passados anos em Paris, sublinho a ousadia dum facto arrumado na ternura guerrilheira da filosofia situacionista. Em Évora parti(mos) os vidros antes de seguir para os Açores encontrar-me com as formas ocultas que habitam o fundo dos oceanos. Os fortes ventos do Canal do Pico aguçam o desejo incompleto de álcool e como um anjo perdido vagueio por dentro da noite preparando-me para a vindima do teu olhar brilhante de cão. Depois do espelho partido passei a escrever com as andorinhas e a contar as ameixas que secavam na cesta de vime.

**Maputo, Out. 1999** - O sol pousou a sua cabeça doirada nas copas das acácias e desapareceu em direção à Inhaca. O que ando a fazer? Durante uma das tardes da Malhangalene, suspeitei de certos grafismos que se erguiam do papel, parece que nasciam de outras mãos com

outros gestos. Um movimento de luz que se manifesta de vez em quando, uma linha ao encontro das raízes. Com vinho e café pinto as distâncias até chegar a manhã para em directa que nem ginjas, seguir para Inhambane com paragem em Matalana para visitar o Malangatana. Depois de umas ostras no Xai-Xai, e de mais uns longos quilómetros de viagem, quando perguntámos à criança o caminho a seguir, ela, em vez de responder fugiu, poderíamos ser chupa-sangues. Quando chegámos ao Tofo, durante o banho da meia-noite fomos observados por um OVNI que atravessava os céus.

**Recife, Out. 1999** - Pedras perfuradas são poemas da roda de fogo, são poemas concretos que dialogam em silêncio. Faz hoje 15 dias que estava em Pemba e 8 que deixei Maputo, via Joanesburgo. Mantenho a saudade e o imaginário como companhias. Tenho seguro o violino entre o ombro e o queixo, e com as cerdas do arco friccionando sobre as cordas lanço tintas de várias cores sobre uma tela negra de espanto.

**Barcelona, Jan. 2000** - As minhas mãos sentem os poemas de amor da beira-mar porque partilhei o corpo e a alma com mulheres da beira-mar os braços onde me enlacei de abraços nesses passos de dança de espuma.

**Paris, Fev. 2001** - O batalhão de músicos que invadem as esplanadas é poesia servida em chávenas de café. Un oeuf un yogourt un verre d'eau et un café

na penumbra do bar vazio, mas não completamente indeciso, um acordeon ora chora ora ri. A sua melodia é nórdica e meridional, como os dedos que lhe tocam tem unhas com o verniz de longas caminhadas da encruzilhada à gauche. Os sábados das dúvidas já não remontam à cavidade de uma granada arremessada nas lutas de libertação do jugo colonial, tem jovens em Telavive e Moscovo que despenteiam a democracia e as Torres de 11 de Setembro, enchendo os memoriais da inocência na nova sociedade de risco. Encontram as respostas nas caixas fortes de bancos ou soterradas em terras áridas, enquanto mães vão fazendo nascer heróis suicidas nas aldeias do Médio-Oriente num amor sem dó nem piedade.

**San Sebastian, Mar. 2003** - Em Bayona olhei o mar como um animal faminto de sossego, escutando as palavras do poeta basco *Joseba Sarrionandia Uribeharrea*, o mítico Sarri<sup>4</sup>: "*Este es un cuaderno de bitácora a la deriva, el viajero escribe como el timonel que, en un mar sin viento, adivinha cada vez más cerca la tormenta del desastre*"<sup>5</sup>. E como viajante abri a boca ao fogo-de-artifício que se soltava na esperança de sentir o que ficou para sentir depois até adormecer= nas asas

4. Em 1980, com 22 anos de idade foi condenado a 27 anos de prisão, acusado de pertencer à ETA-Euskadi Ta Akatasuna. Depois encetou uma fuga da prisão com êxito e têm-se mantido em paradeiro incerto.

5. Poema Caduerno de Bitácora, traduzido, in Izuen Gordelekuetan Barrena, Ed. Bilbao Aurrezki Kutxa, 1981.

de uma gaivota que se abeirou da janela onde eu me havia abandonado frente à baía. O mar azul pintara os barcos de branco num quadro que tem os recortes acentuados dos Pirinéus por fundo e numa perspetiva de que nós ficamos sem saber para que lado estão virados.

**Paris, Dez. 2004** - Para decifrar a poética da distância é necessário ouvir o som das folhas debaixo dos nossos pés. Meu amor, já se passaram cinco anos na Rue Amelot!

**Paris, Dez. 2005** - Ficaram de fora os escritos que não se escreveram sobre a complexidade, o almofariz fractal que no enunciado do ponto e da recta indica a descoberta de novas galáxias pelo telescópio mais poderoso do mundo terrestre, e o pensamento receptivo-criativo da queda de anjos, o vazio é a estação mais próxima onde se encontra a tríada dos pardais de telhado.

**Londres, Out. 2006** - As linhas e as figuras que saíram pelos dedos das mãos, são bibliotecas de física quântica que guardam a metonímia dos cantos de Cantuária. O mês de Abril é mais cruel quando a mão da seca agarra a chuva. Sigo de metro em direcção à estação de Holborn na esperança de encontrar o Lord Avon. Quando o train pára, a porta automática abre e o motor deixa de fazer barulho. Entra apenas uma pessoa, sinto a sua passagem e continuo a escrever. A porta da carruagem fecha-se e o motor começa a

trabalhar. O train arranca para outra estação. Pura e simplesmente assim, sigo as pisadas de Armando Ribas. Quando cheguei à recepção do Nick's Restaurant em Ifield Road, apenas encontrei esta nota. *«Feliciano! Tomei conhecimento que chegou à estação de London Kings às 13:45 horas vindo de Lincoln. Cruzámo-nos em Peterborough onde estou a acabar de compor uma peça litúrgica sobre o mistério da renúncia, que abre o caminho para os divinos espíritos. Não avalie incorretamente as minhas palavras, você sabe como o meu fim foi trágico em Lisboa».* Entendi perfeitamente o que me queria dizer, mas a minha teimosia obrigou a deixá-lo outra nota. *«Meu Querido Armando Ribas! Porque não me avisou que ia vender a casa de Linden Gardens? É preciso não esquecer que todas as orações e preces já estão escritas!»*

**Maputo, Fev. 2007** - As palavras que poderiam ser usadas em poemas traduzem imagens contextos e significações repetidas; há um sentimento de delapidação emocional da imaginação e da inspiração, que a musa da aranha fia a partir do seu interior. A recondita clã dos sabujos está em perigo e os cães da serpente dançadeira querem-me hipnotizar.

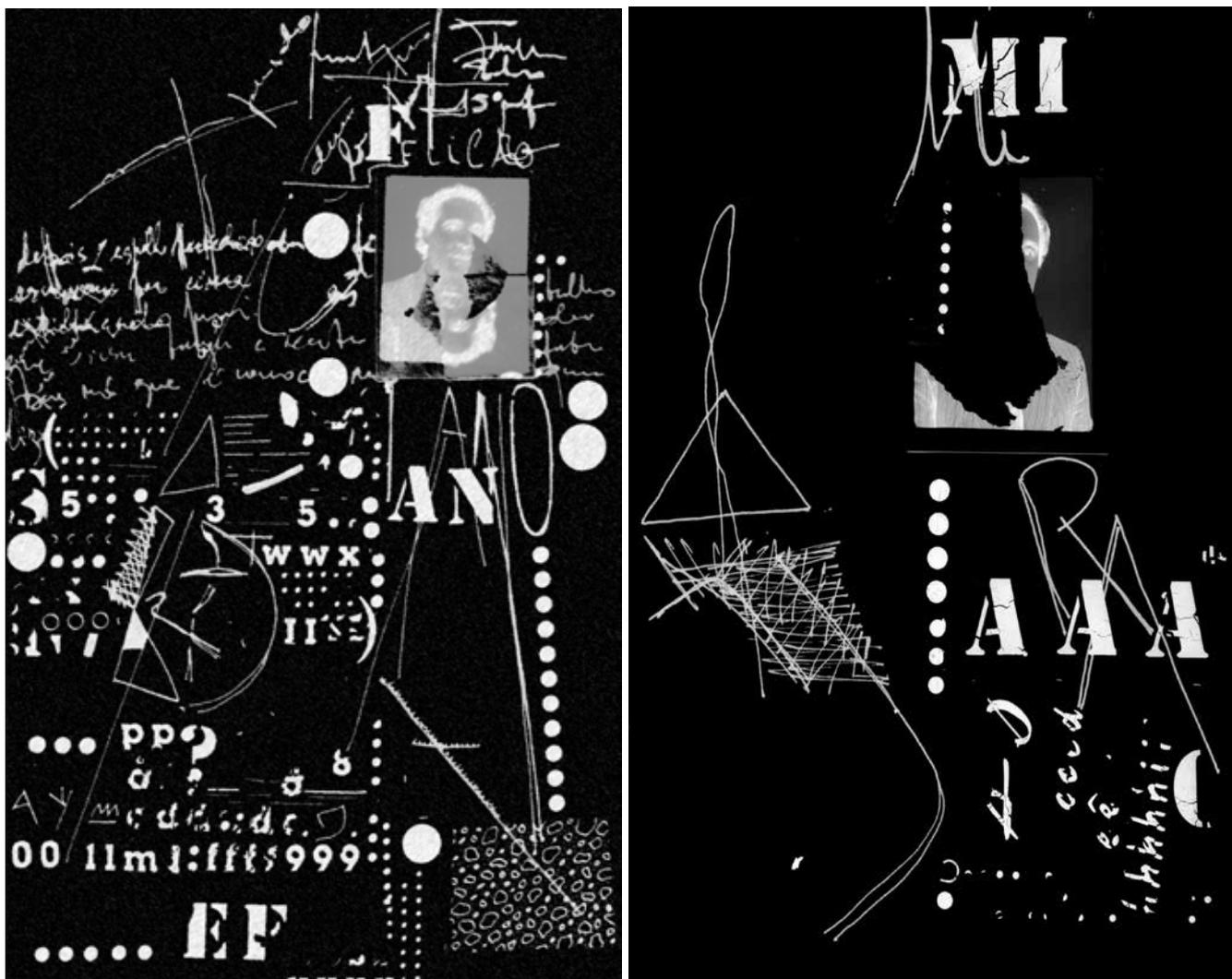
**Évora, Out. 2008** - Retiro as vírgulas para o texto respirar. Retiro as vírgulas para o corpo respirar as essências do espírito, retiro as pontuações para o espírito do texto

respirar ao pulsar da emoção do corpo e quando leio estou dentro de um nova obediência.

**Belém do Pará, Fev. 2009** - Está a chover torrencialmente há cerca de duas horas, sob o astro escuro desce água cinzenta diretamente do céu, cobrindo o breu da noite de uma capa líquida, que o raio cintilante que a acompanha a seguir ao relâmpago, entrega ao trovão para demonstrar a força da natureza. A luz do relâmpago, amarelada ou mais clara, atravessa o cinzento das linhas verticais da chuva até entrar no pensamento da física e da metafísica, pelo extremo do raio faísca a nossa admiração para a construção da metáfora.

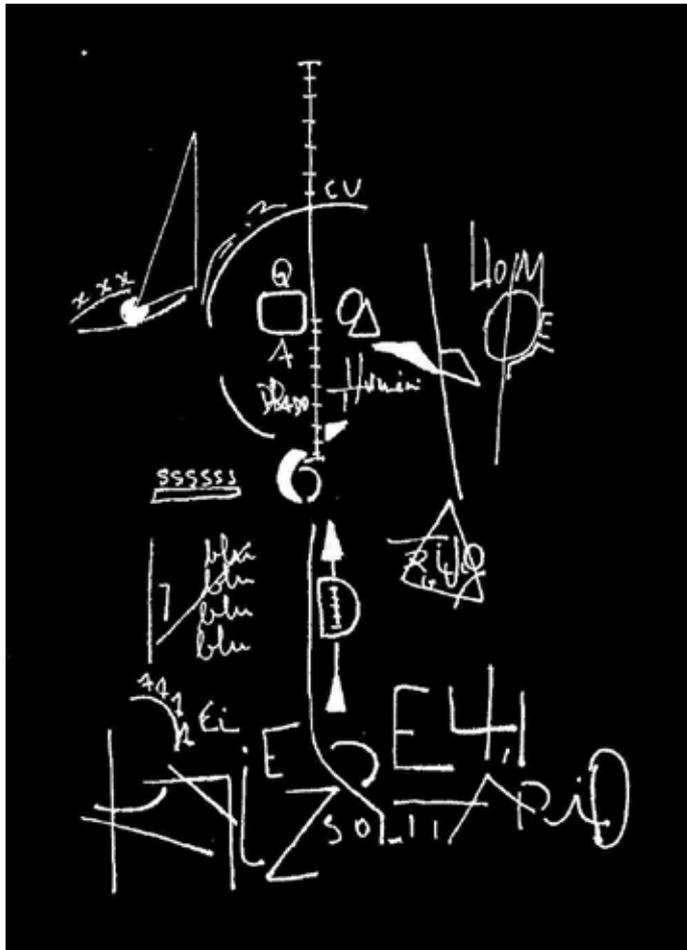
## II - Entre o Retrato e o Espelho



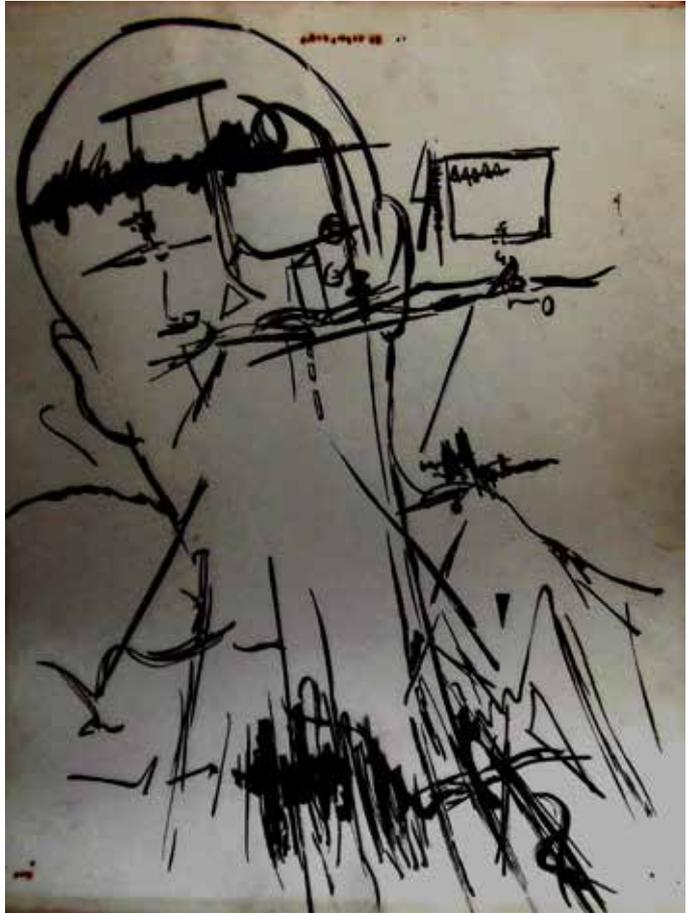
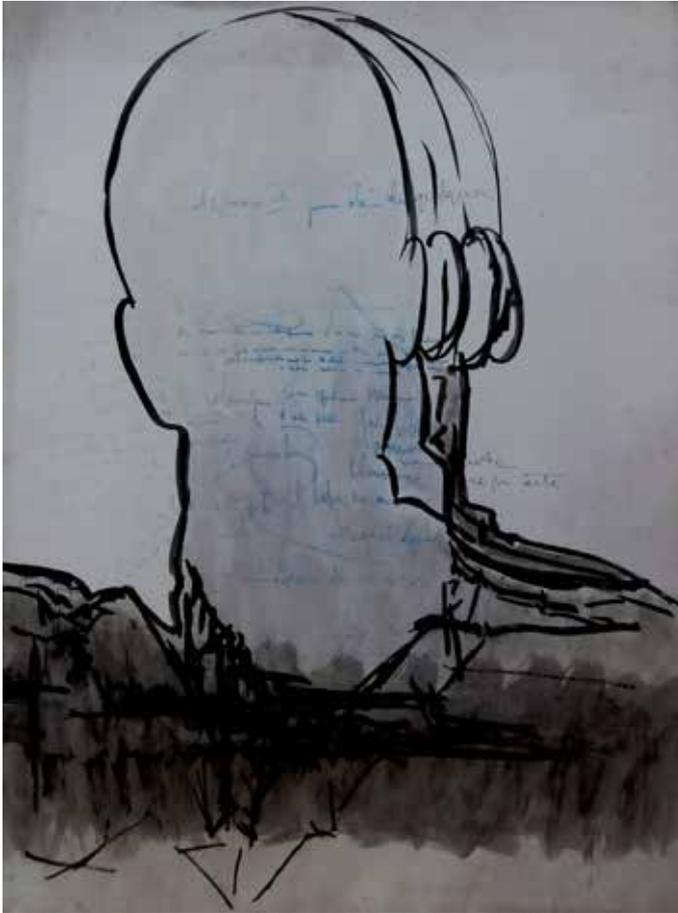


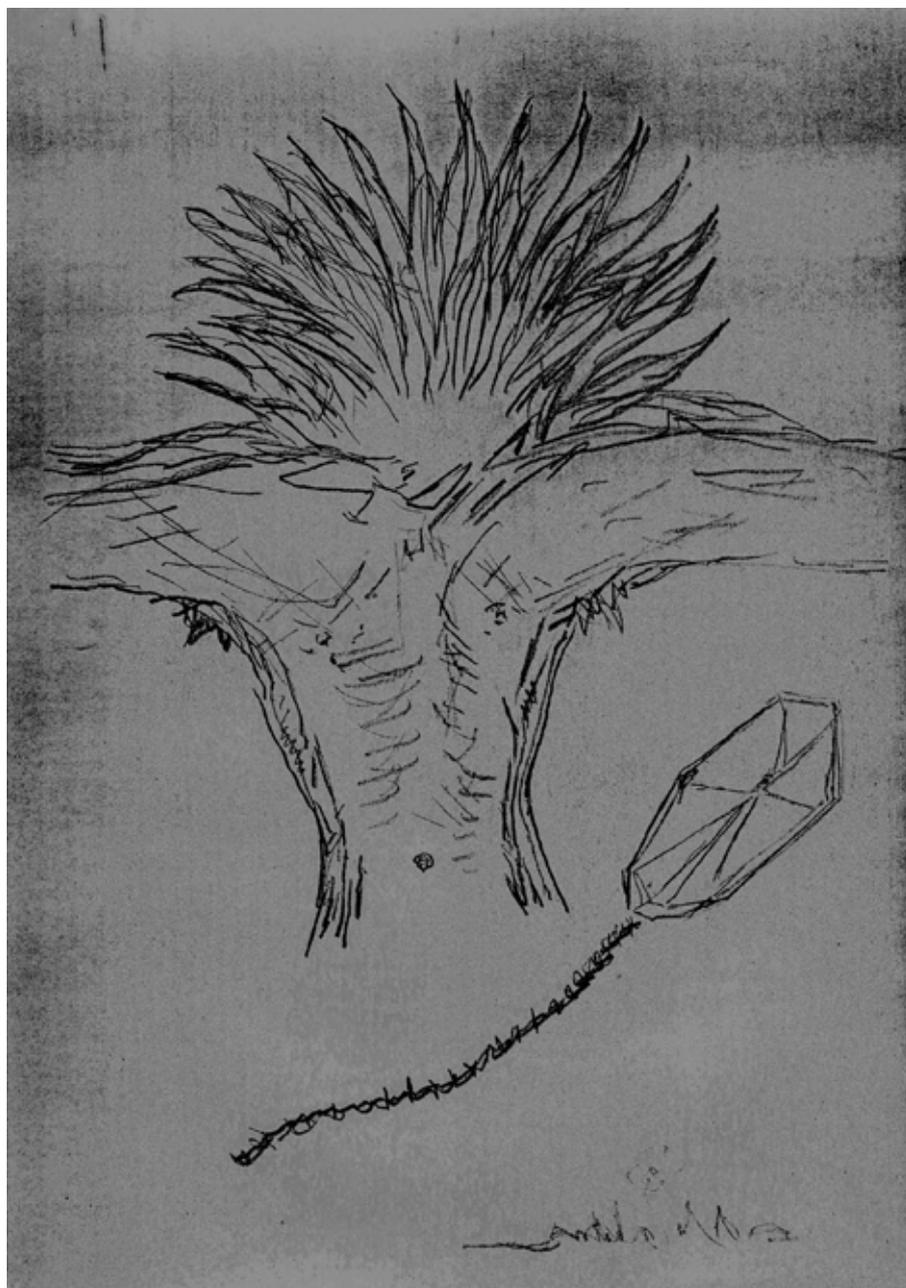
Depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono o que escrevera no quadro negro do tempo do bibe de quadriculado azul, quando o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado, repartí a alma pelos céus do mundo, lendo de prumo a celebração da terra mesmo com a alma estilhaçada. Quando voltei à caligrafia original escrevi palavras sobre palavras, retirando do cesto celeste novas ameixas tintas e caligrafias cruzadas de ortogramas das cinco partidas do mundo.











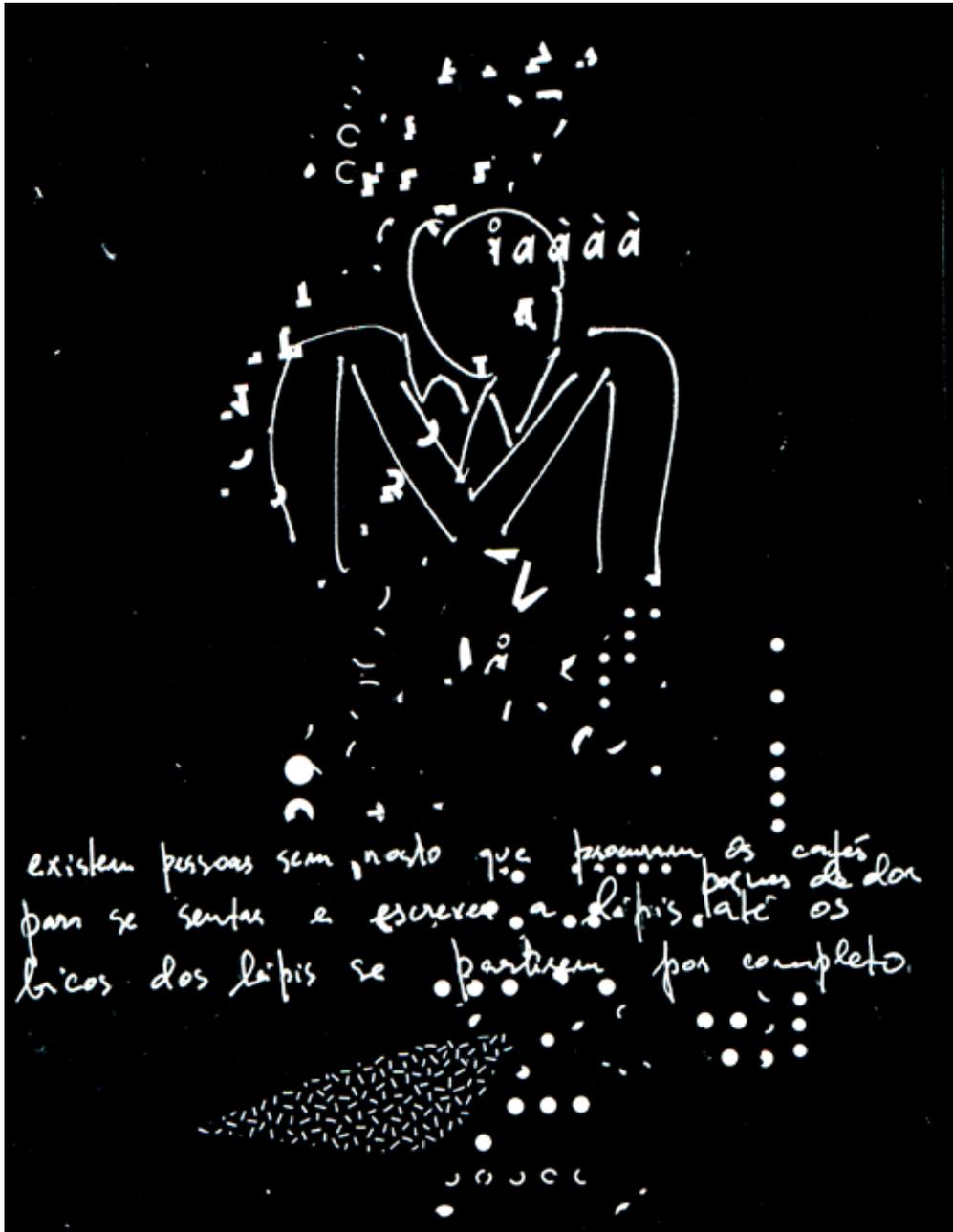
### III - Angústia

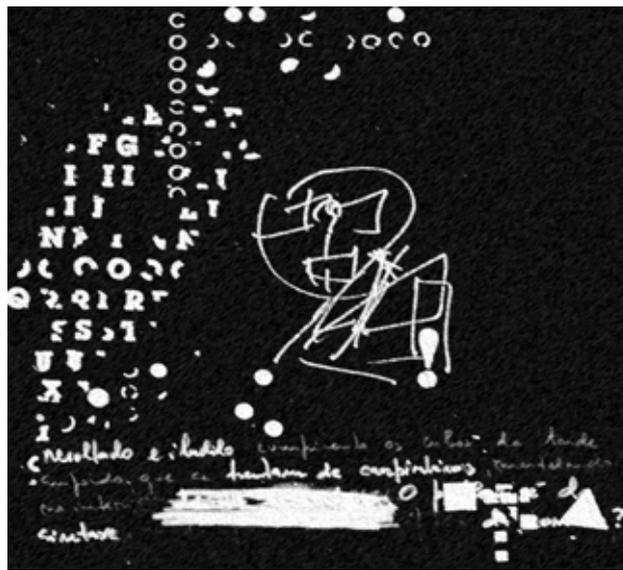
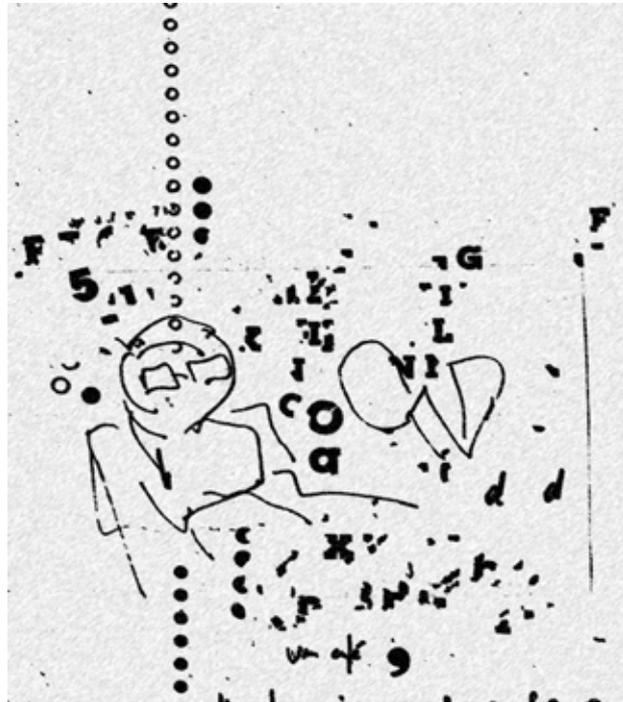


**existem pessoas sem rosto que  
procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem**

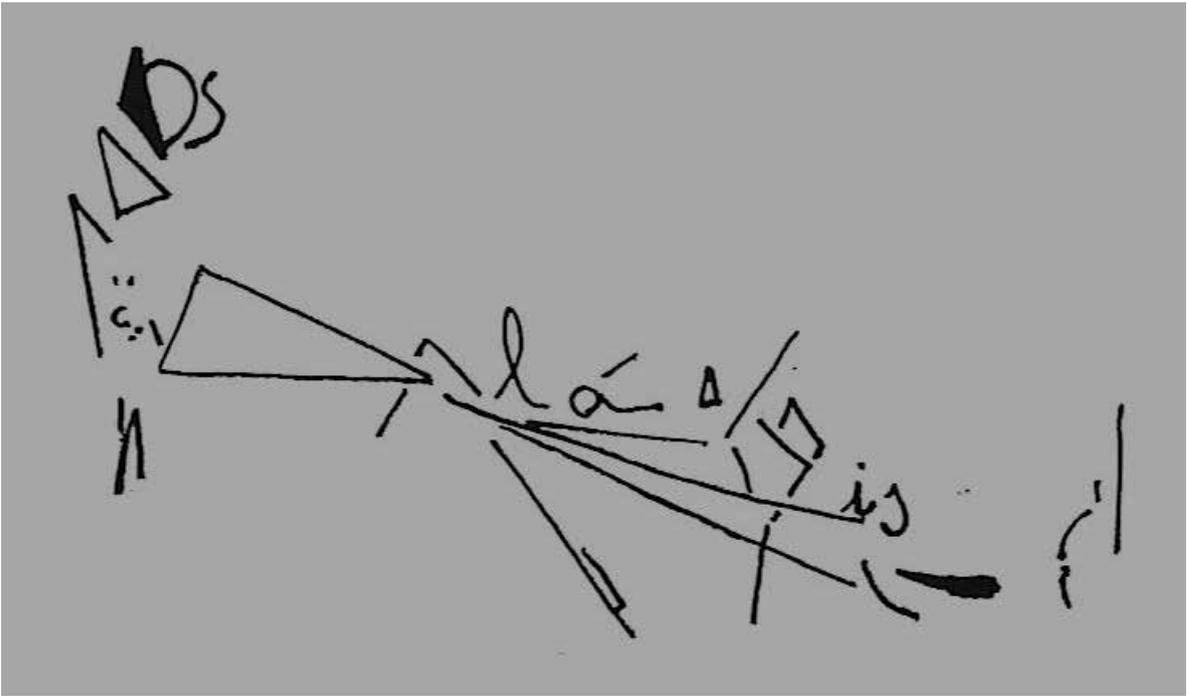
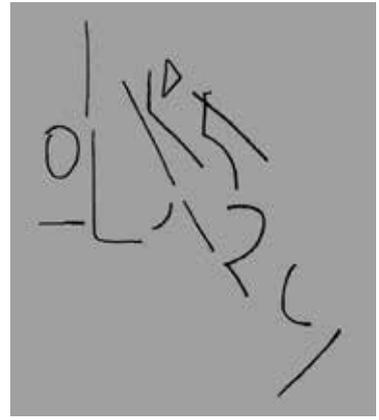
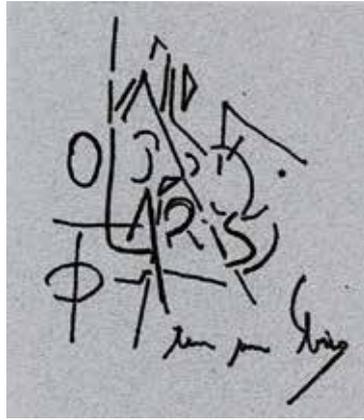
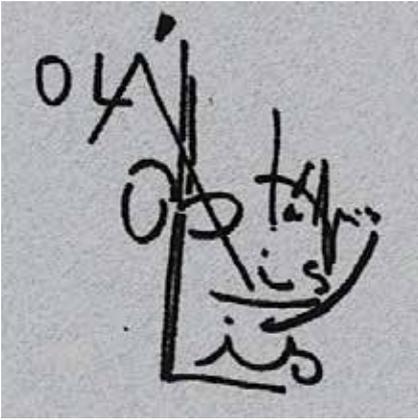
Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposta segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias. Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposta segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias.

**existem pessoas sem rosto que  
procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem**





Revoltado e iludido



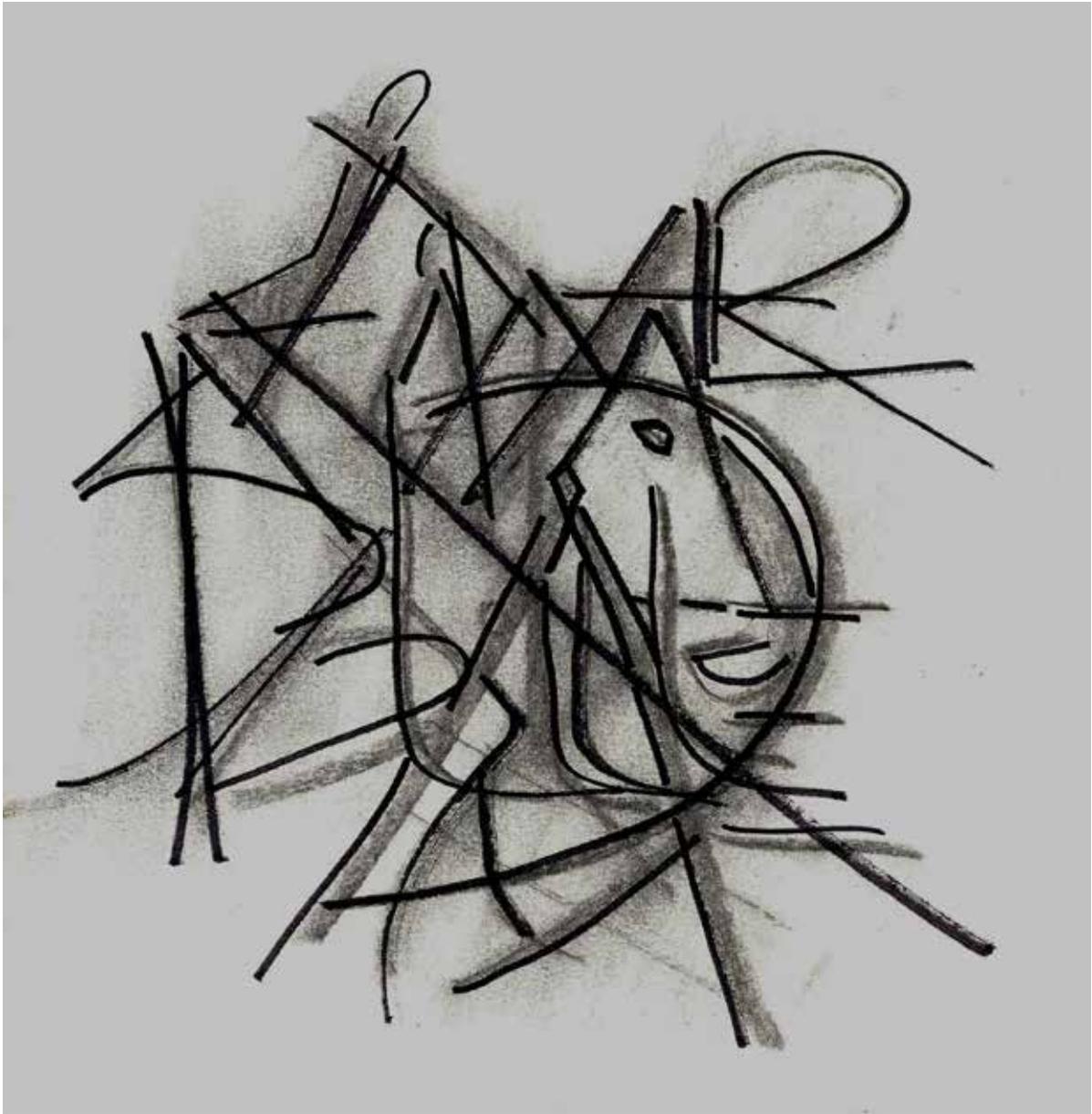
O(s) lápis

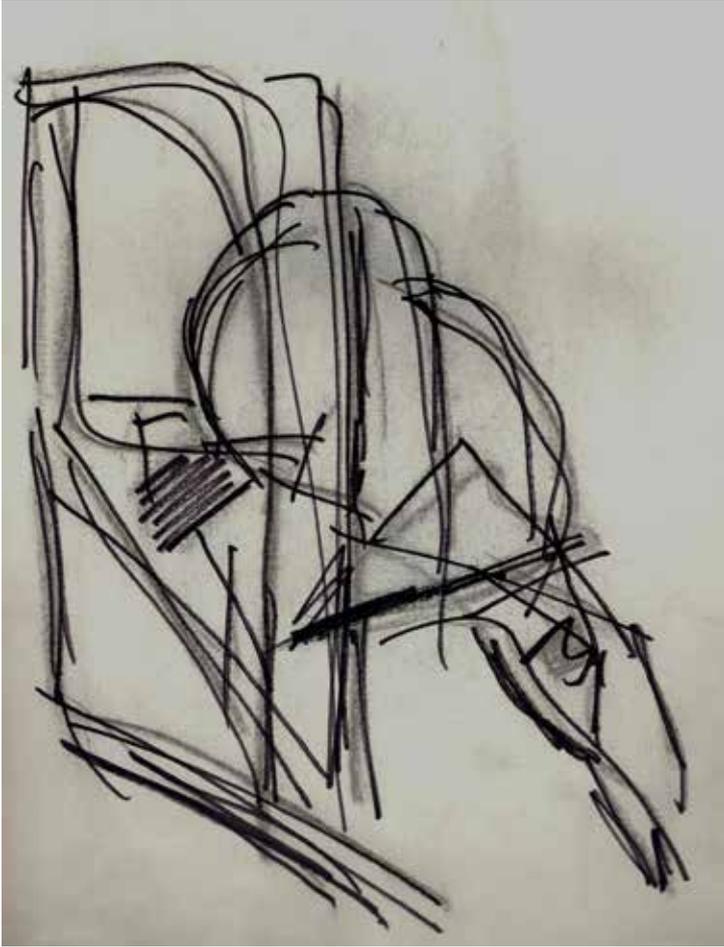


S/ Título (Pias, 1983)



S/ Titulo (Pias, 1983)





IV - O pião

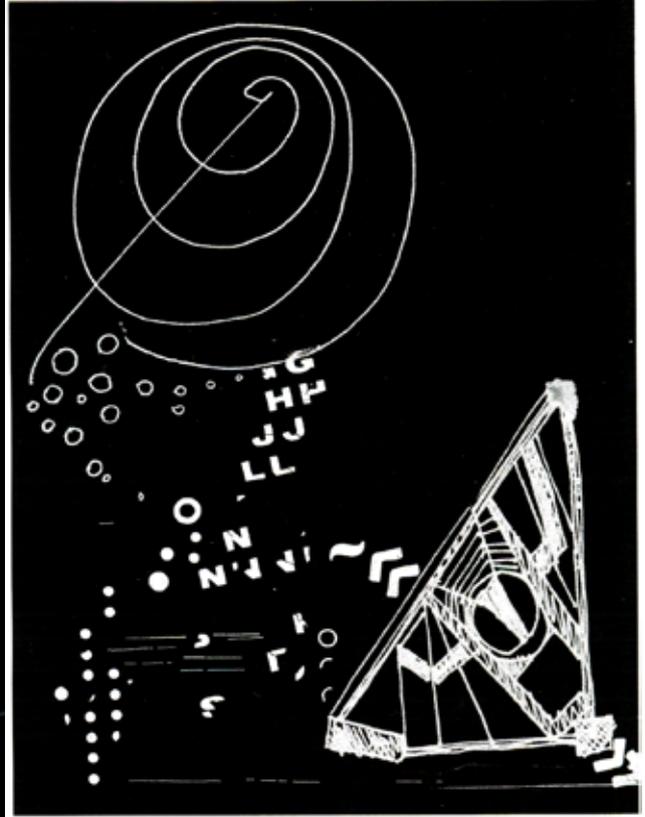
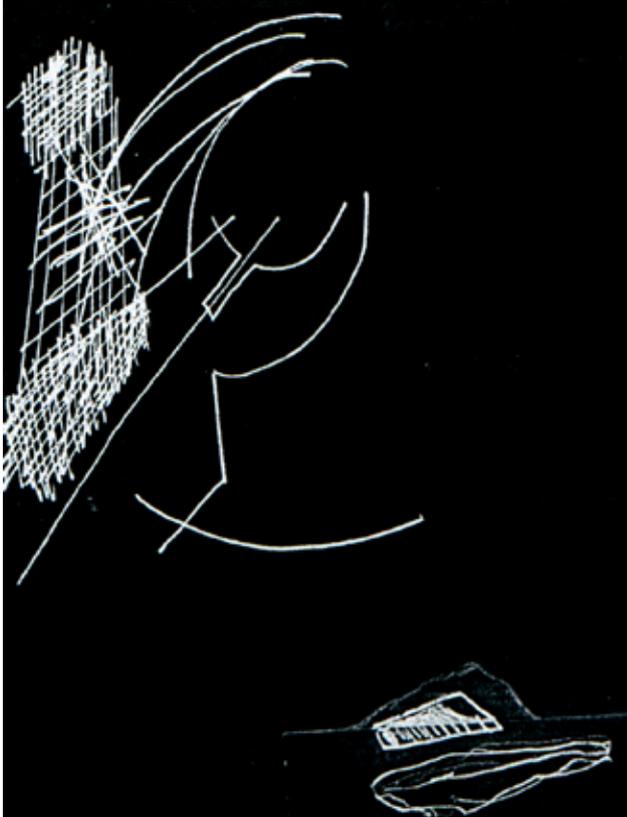


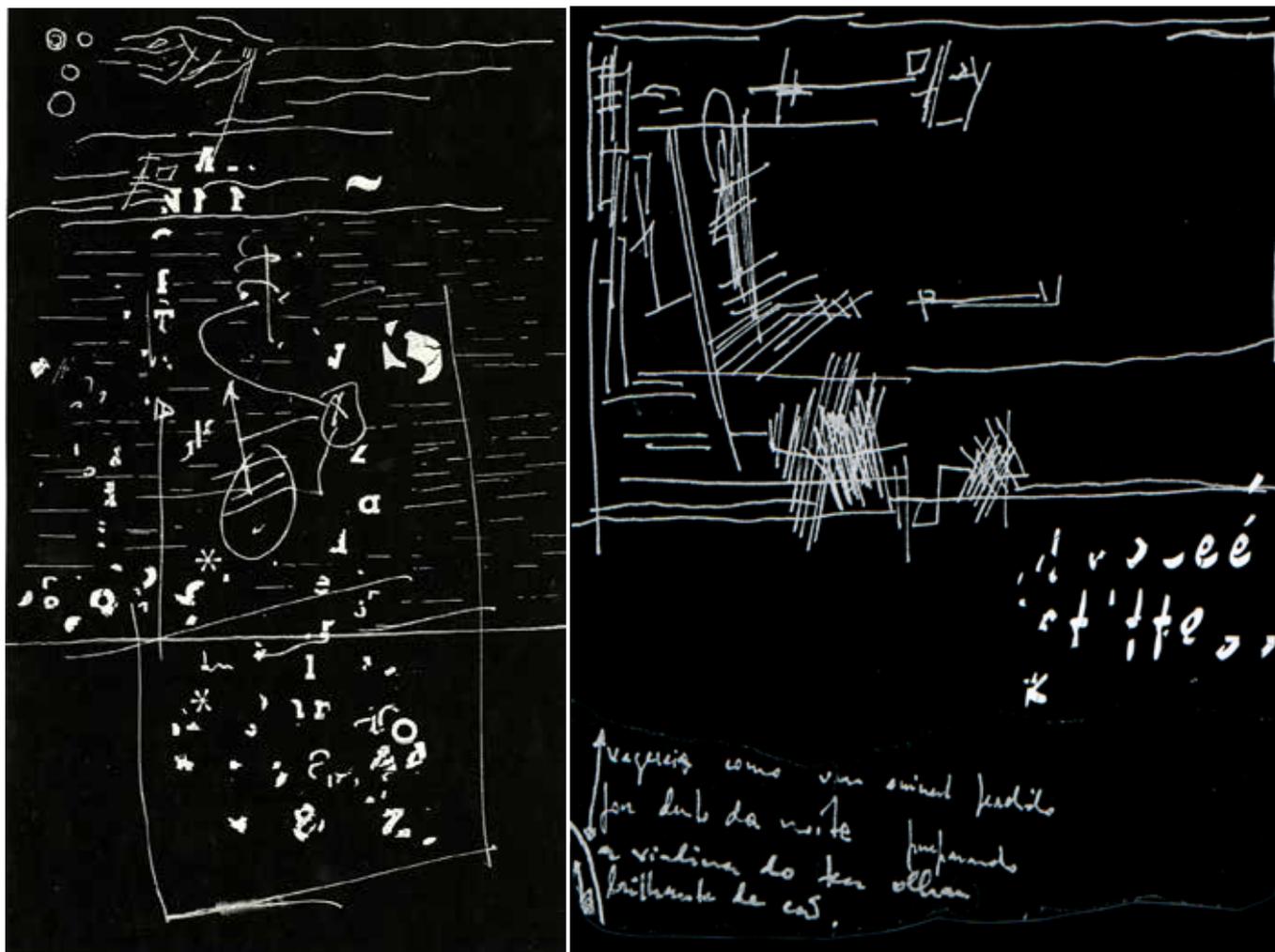
**embarco  
e  
navego  
oceanos  
gente  
um  
espelho  
o peão da escrita  
continentes de pausa  
tempestades de navegação.**

**Uma bica e duas amarelinhas  
mais duas que agora pago eu  
marcas vermelhas  
do feno rubio e o alecrim  
a festa dos passos  
fogo, glória e cristal.**

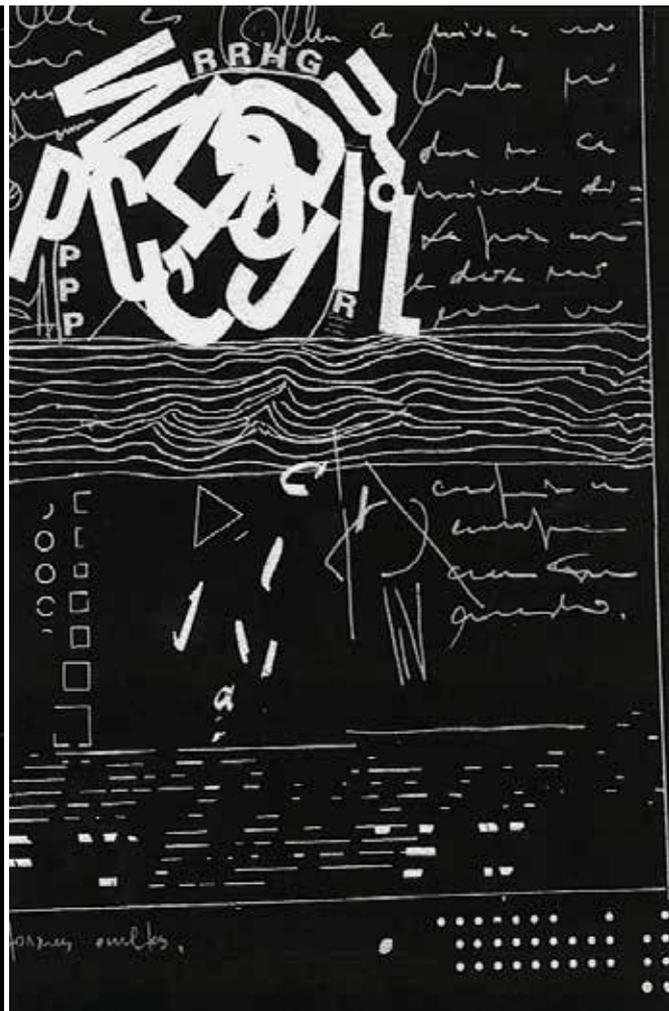
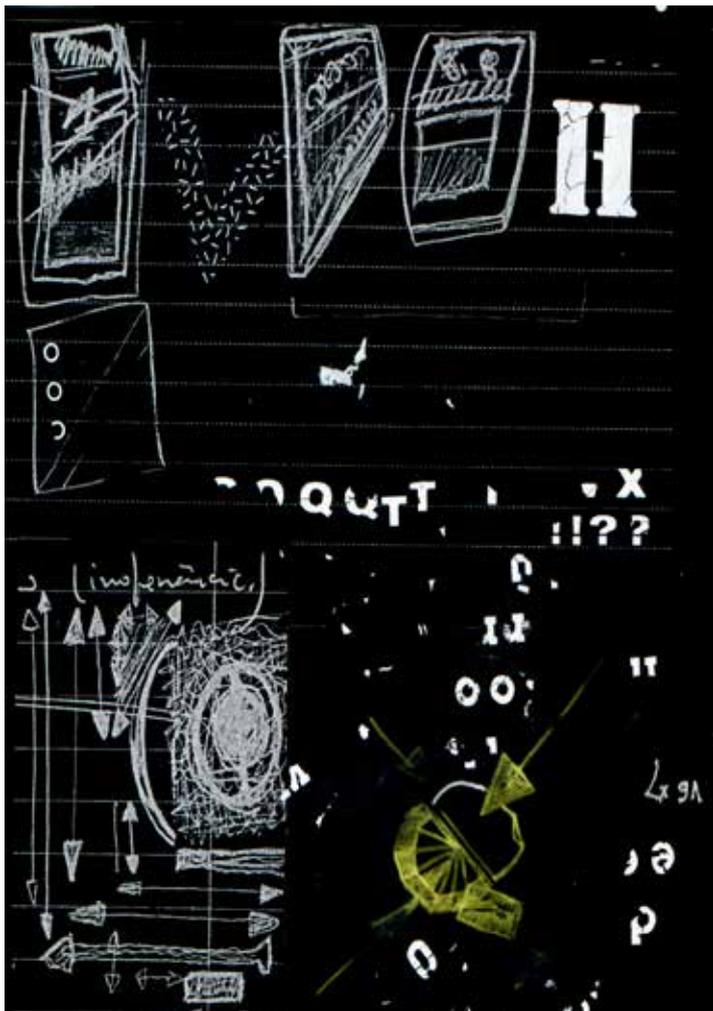
**os tiques  
da  
pátria**

**.**





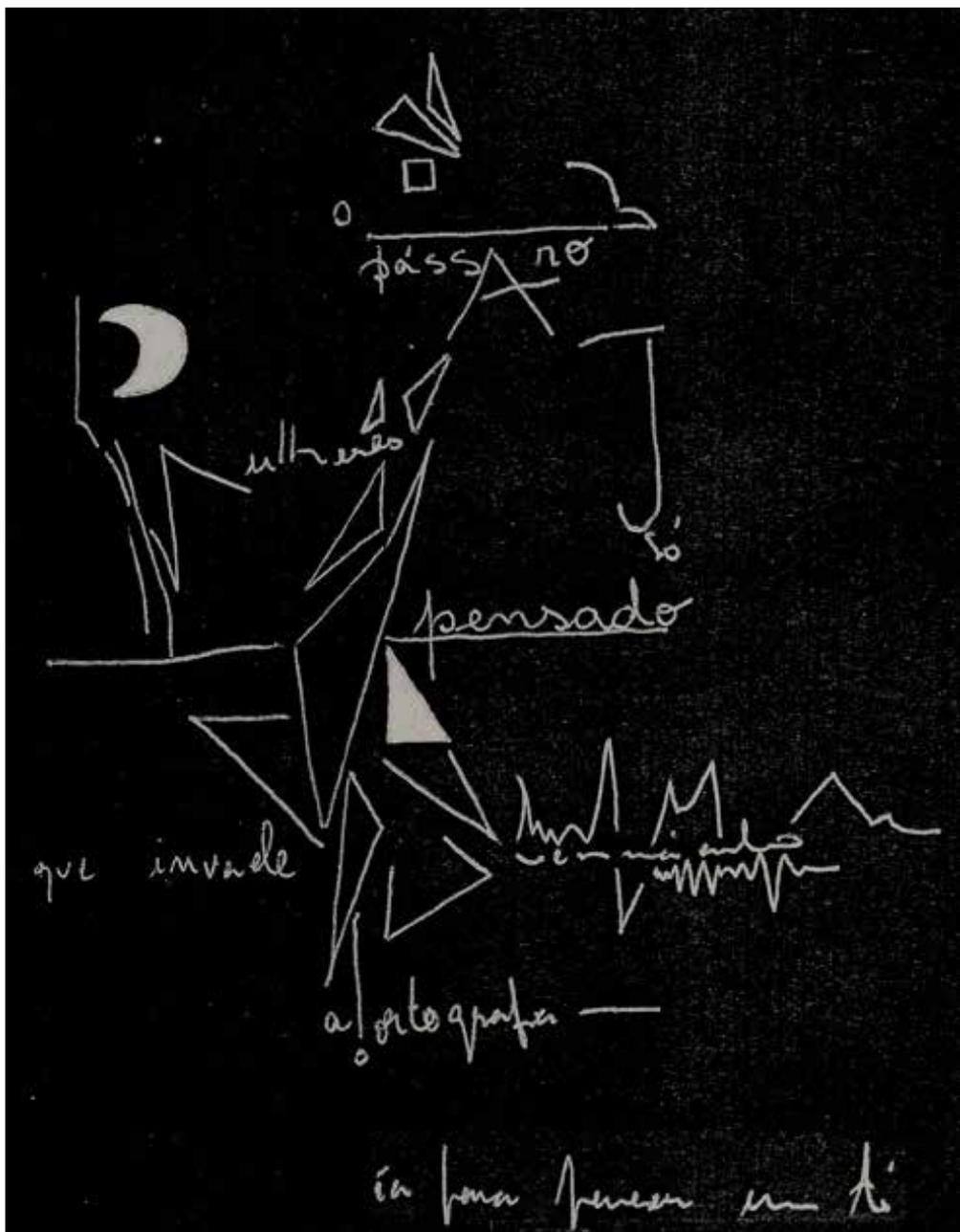
Guitarra Portuguesa; Vagueio como um animal perdido por dentro da noite preparando a vindima do teu olhar brilhante de cão

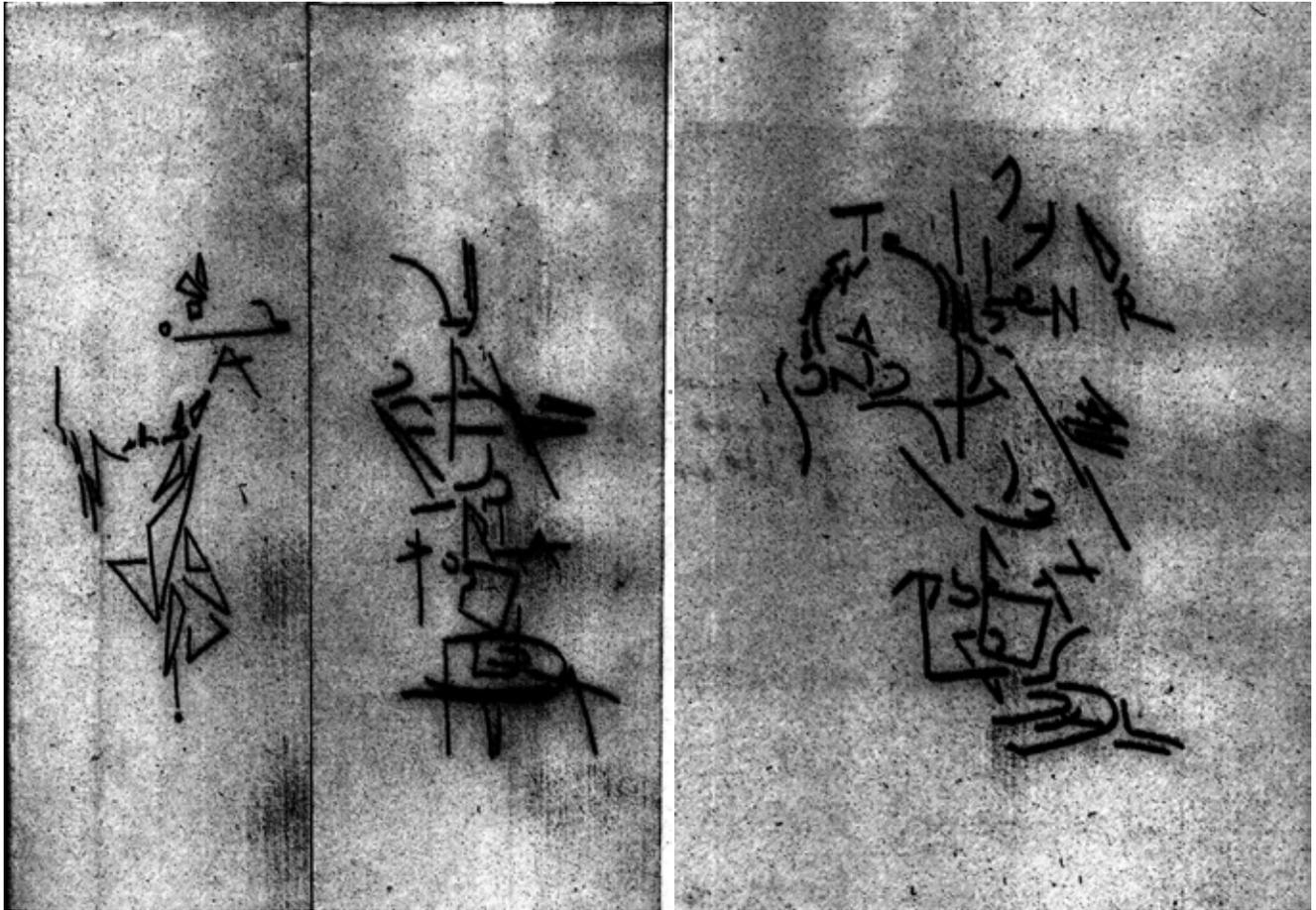


Inoperância e ocultação

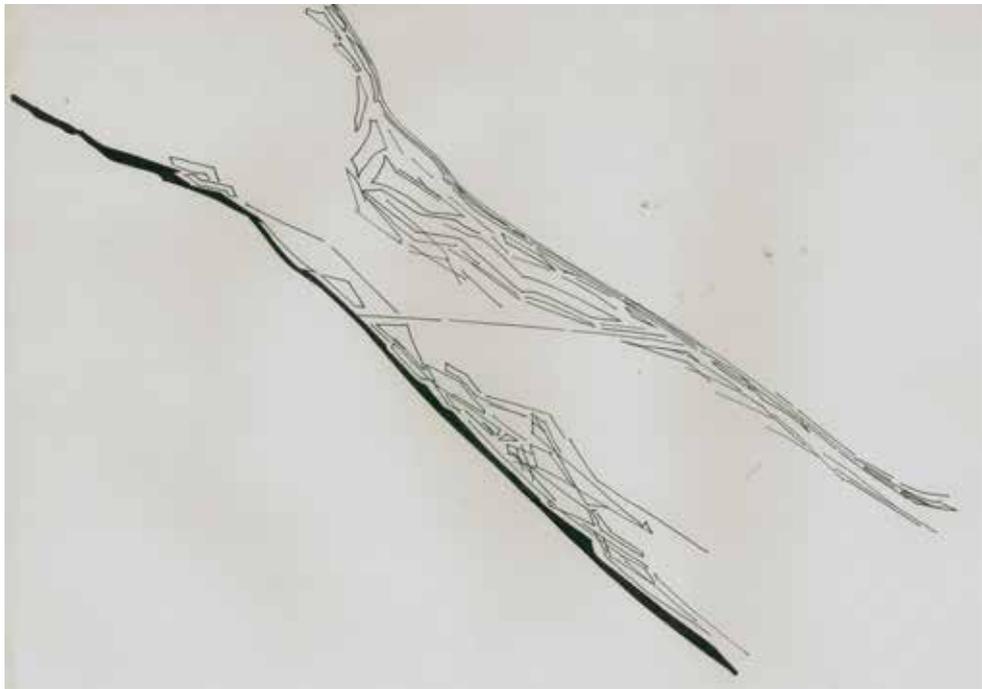
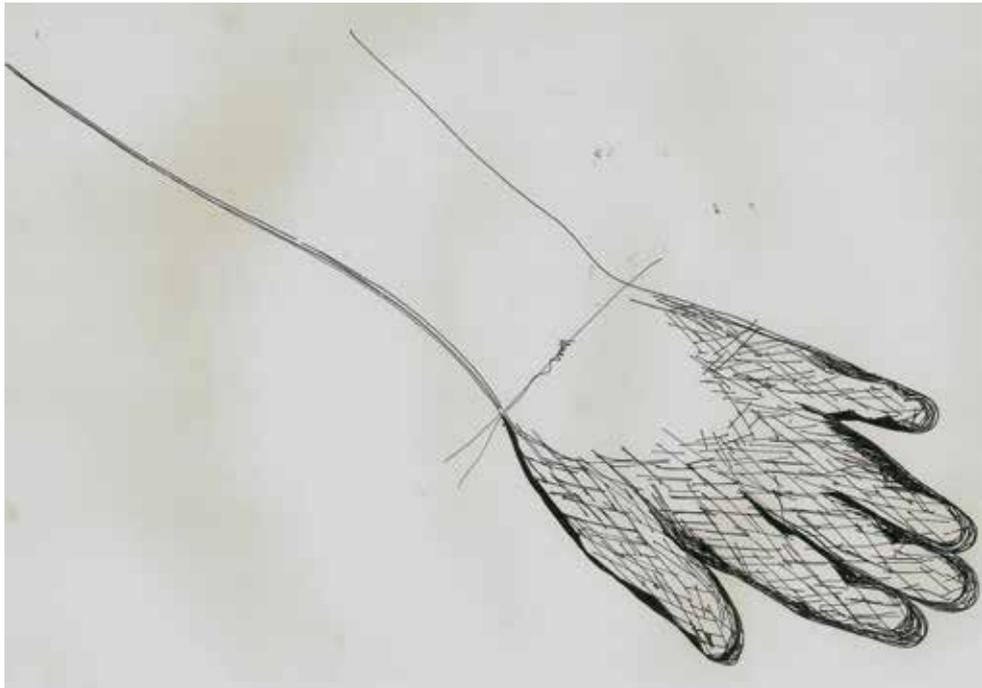


Fortes ventos; Ao longo da manhã os mesmos quadros os mesmos quartos de desassossego





Tatuagens (Évora, 1984)



V - Évora



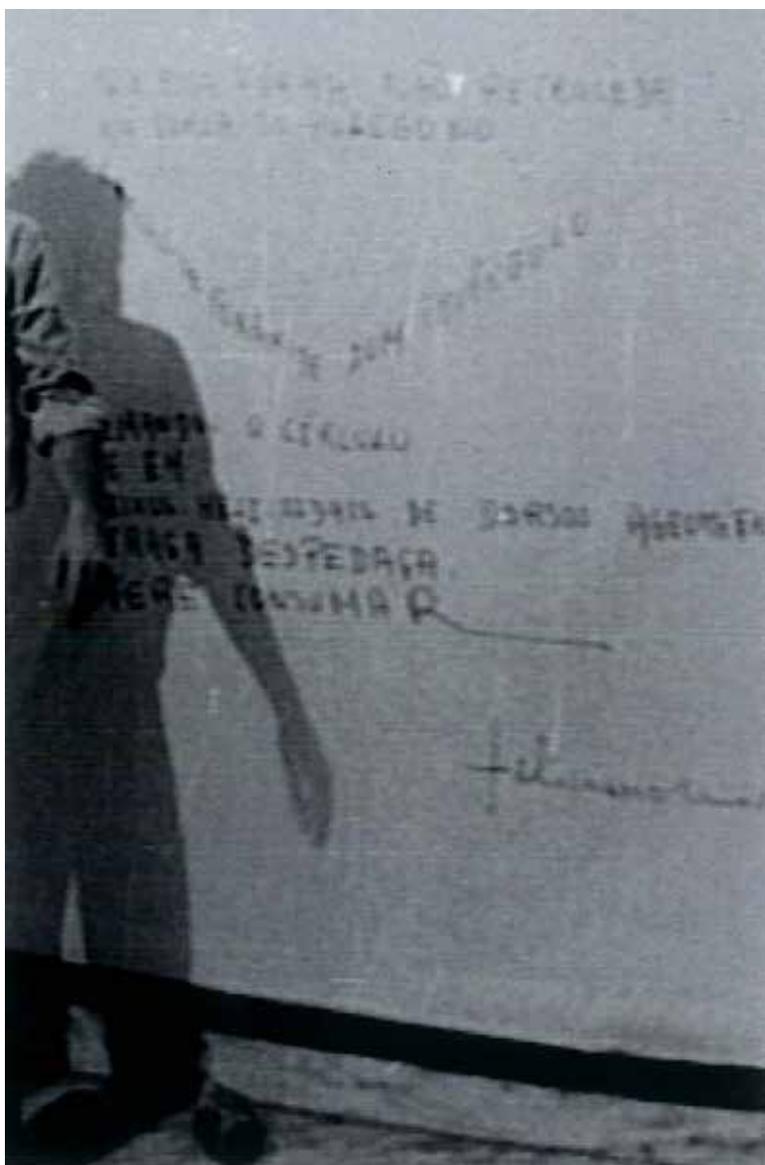
**O Quintal**<sup>1</sup> - Os ventos que agitam os sinos da paisagem Dancei de manhã comigo e com uma folha de nespereira, esguia na forma, seca no aspecto e castanha na cor, daquelas que caíram no quintal. Foi um momento sem escrita, um processo destituído de caracteres, uma atitude obstinada de mudança. Era um sinal, rigorosamente barroco. O pó do restolho, castanho, sobre a estrada ao Monte Novo quase em S.Mansos, pequenas palhas o redemoinho que o suão alevanta do chão, essa magia que torna as coisas simples e perdidas, ao fim do dia, no Outono, com outro brilho. Podias levar uma espiga de trigo nas mãos e mais papoilas ainda viçosas entremeando o ramalhete. No outro cesto estão os restos das flores silvestres, das flores verdadeiras, sem fantasia, senão o pão real dessa manhã. Um conto permanece no centro da grande esperança mítica. O rasto da mão no reino encoberto da liberdade. Nesse bar pós-modernista ele tirou o palito da algibeira imitando o pai e resolveu limpar os dentes com restos de "papa-açorda". Ao lado falavam de estilismo, da "movida" de Madrid da invenção dos dias, de baunilha e novas linhas. Falavam de desdobramentos da alma e de novos paraísos urbanos, os olhos ardiavam de febre. No nascimento da criança rezei pela perfeição em louvor à abundância do grande império, o calor do corpo novo. Depois a planície e a vontade de caminhar juntos como cúmplices de uma solidão maior. Já encontramos abibes em voo plano sobre o branco do casario do monte em ruínas a ópera negra da exclusão e o comboio pouco a pouco deixando por adiante o seu último assobiar rochedos e dias fragmentos estranhos atravessam a garganta extensa da planície. Não é pouca a terra que ela é muita mas vai ficando mais só e de tantos restam poucos a evidência é clara, longa e ingenua de paixão. Alguém terá que ser novamente o primeiro porque esta é a mais dura das ceifas a que deixa órfãos vivos. Teremos de voltar a dizer não. Santa ignorância, era fatal dirigidos por velhos praguejadores dos cantinhos de café sem mundos que supor para além do olhar não, alimentam murmúrios cheios de equívocos. a rádio a mensagem a comunicação a prova dos morangoso o vento zunindo no canavial atrás do cemitério as canas salgadas dos barcos das nogueiras e os morcegos das Américas. As folhas levantam à passagem do vento no aqueduto das tardes, as flores do silêncio são mares afagando arquipélagos de corpos inquietos de outras paragens. a fruição da tinta é um mistério poente na praia da inquietude que acompanha as palavras loucas pelo vento. Registei o filme "cartas de amor de uma freira portuguesa" passava no Roxy em 16 de Dezembro de 1985. Passou o tempo as ondas os voos os ovos as serpentes onde estou agora

---

1. Seleccção de anotações do ano de 1983, reescritas em 1991 em Lisboa, revistas em 1992 em Maputo e terminadas em Paris em 2002 quando regresssei às Laranjas do Quintal entre Espelhos e Marés.

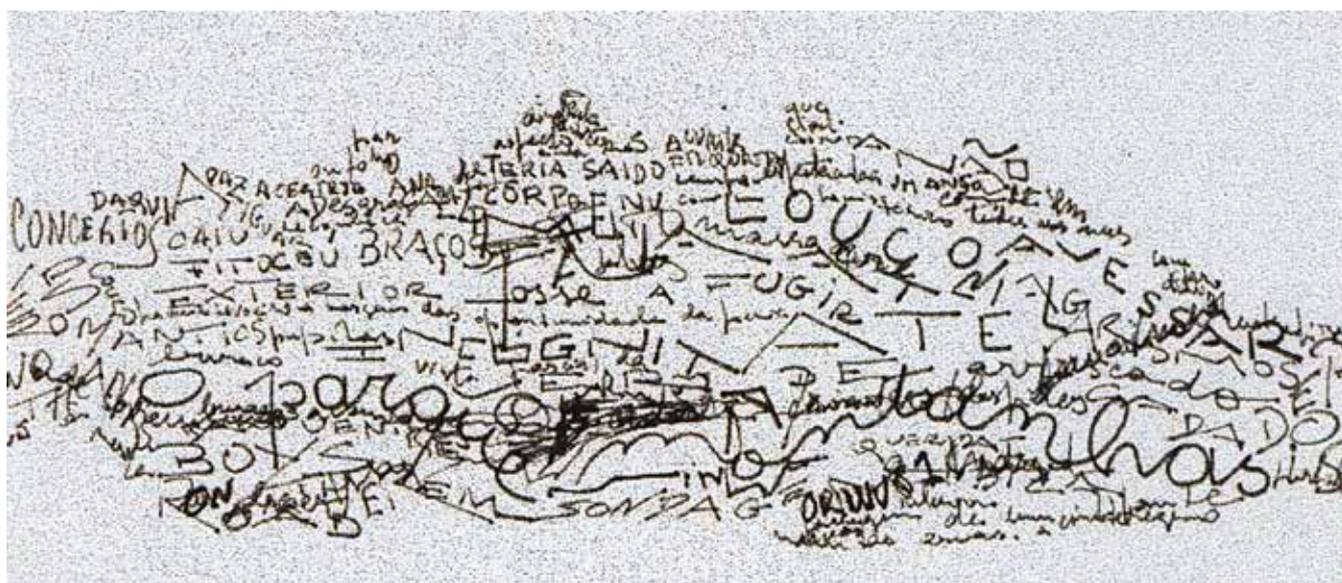
Meu Deus, meu ser grande segredo de todas as coisas símbolo que pinte com letras coloridas em vedações de madeira tomei whisky com calmantes nas grandes viagens. 11 horas lá em cima o meu coração cá em baixo. Descubri afinal Deus está na terra depois faço o roteiro dos postais onde ainda não cheguei. os olhos são de bonito azul são olhos azuis adormecidos nos barcos que povoam a terra barcos de paciência e linhas de requiem com metais antigos em honra à beleza simples das papoilas são olhos azuis contemplativos fragmentos de vozes de mulheres sibilares morenas com montanhas de tarefas a respeitar e os barrigudos maridos. homens de trabalho que comem lebres jogam às cartas sabem anedotas e mentiras e não sabem ser caçadores. o velho de barbas grisalhas tem um rabo de cavalo e uma viola que anuncia pretéritas revoluções imaginários ou revoluções em espera em transito pelas madrugadas. Disseram-me que era branca a casa dos simples, o roda pé azul dos barcos o sonho das areias no regresso das caravelas sapatos de verniz sem medida gente nossa e como vocês trabalham e gemem e tiritam de frio rua abaixo pelo cósmico movimento de outro império enquanto um velho o que não é propriamente original contempla Camões atrás de um poema da Restauração, em novo visual. É aquele fulano muito bem vestido, homem aparentado com o sucesso, talvez empresário ou mecenas, benemérito mas sem um braço e a criança olhando estupefacta para o Fernando Pessoa sentado à porta da Brasileira, a fazer horas em vão. Já soam as matracas debaixo de negras opas homens crentes recitam salmos e choram como os homens crentes, de si e pelos outros dá-me a mão para não te aleijares dizia a mãe do menino que não era para essas coisas da cultura o primeiro passeava pelas dobras do chapéu do mestre da ilusão os dedinhos mansos e frágeis afagando o poeta que une a língua e as pessoas quando receamos unir as nossas próprias mãos e passear já partiu a tarde a noite no seu negro manto aproxima-se brilha uma estrela no horário do comércio do Chiado entre o mar e o repouso uma espada desce do céu guitarra portuguesa trinando no escuro de uma viela em Alcântara. ao vento adormeceram os amores uma tela abstracta e dúvidas. Sempre noiva branco cais branco pensamento branco mar de certezas de pimenta de canela de marfim da voz buscando o que ainda não há. O mar repousa que passem as correntes apressadas que nós temos um império a construir e o percurso são os montes as pedras e as ervas o salto que vê como doía o peito aberto desbravando os traços por onde saem os hálitos da terra, o amargo da boca a devoção e o vinho que brinca às escondidas com os peixes voadores sobre a tua pele de leite quem deixei para trás foram breves balões de natal uns braços cheios de esperança e alguns trinados vãos e presentes. Tocaram-se mas não se sentiram. não havia amor nem mar. contudo trémulo de paixão ele cegou de alcool e vomitou fogo

entre os rochedos da alma a noite descobre-se envolta na seiva quente do cíume e a lua esconde-se deixando abertos os degraus de acesso à escada de outro mundo. ou é mar ou na paisagem do vazio as pedras tornam-se leves e transparentes sentimentos cruzando planos e imagens, os filamentos das texturas vegetais, as ervas mais solitárias que nasceram das fendas das rochas e que nunca entraram na decoração dos grandes salões esverdeiam o mármore da nobreza. os fósseis pequenos ossos de antepassados outros olhos de duvidosas interpretações, as ligações e os tentáculos na bacia das águas purpuras dos relógios, montanhese das casas da colina, as fogueiras e os desenhos as casas e os corações. os parafusos os pregos e os mesmos compassos. Lá fora as águas gemem para sair das rochas, as lavas murmuram e relincham aguardando a hora da libertação. De boca aberta, os olhos cerrados, a caminho do paraíso os lábios sussurram sons imperfeitos sobre o vôo das borboletas. XIX já chegou no perímetro do desenho, o sonho dentro do sonho. a traços diagonais sobre papel de desenho à lareira ainda, a manhã aproxima-se entre cebola frita a azeite e vinho tinto. os fósseis e a cerâmica. As plantas já crescem, canas da índia, adereços finais, moldes, o equilíbrio no fumo dos objectos. As canas e as rochas os tubos que ligam os murmúrios das lavas aprisionadas são os mesmos que fazem os dedos desenhar e os lábios sussurrar e o coração bater. Ao fogo da cozedura das porcelanas ao fogo dos objectos passíveis de divindade. Ao canto da vinha, paramos e meditamos, despídos, esquecidos dos olhos do criador. seus pés. pela memória percorre o canto anónimo das gentes que todos os dias procuram nas avenidas o lixo o pão. os olhos defraudados pelo dedo de deus apenas uma vareta de neon ilumina o caminho dos sem abrigo. Quanto ao galo parece ser o estuário da várias mulheres jogando à cebra-cega trocam pedras e conspirações outro processo da sedução. um cortinado separa os hemisférios quando um braço de sol nascia do outro se punha o mar viscoso e verde de lodo a cidade cheia de truques. quatro da tarde. o céu repassado de nuvens. castelos suspensos violáceos e o vento bastante forte depois dançamos baloiçando o corpo em ritmo irregular, tanto de doçura como incerteza. Falámos dos impostos e da agonia e dos espíritos que inventaram a criação e das coisas que nos dominam e asseguram o mar a terra e os animais selvagens a agressão era a última forma de defesa que lhe restava. que diferença faria ir à guerra. belíssima voz de rumos a caminho do sono, do sonho do paraíso.



R de Reflexão (Palácio de D. Manuel, Évora, 1979)





Évora, 1979

depois do espelho partido, passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

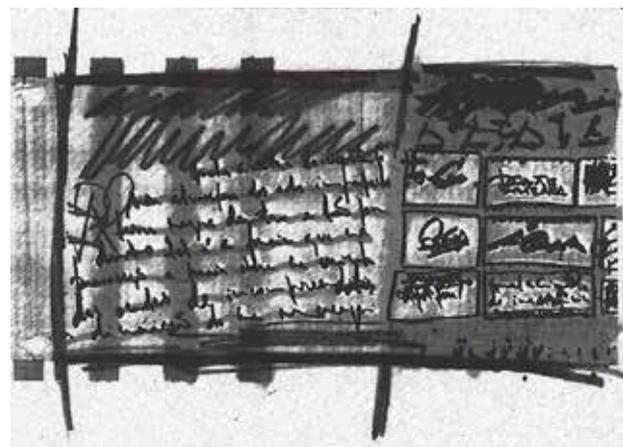
depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

depois do espelho partido passei a escrever sobre o pentágono. Escrevi no quadro negro do tempo do bibe, no quadrado de azul, o branco do giz exalava a grande luz de outros meridianos. Depois do espelho partido e o retrato rasgado reparti a alma pelos céus do mundo, tendo de sair para cima da terra. Depois do espelho partido e do retrato rasgado reparti a alma embaixo indo cruzar os céus do mundo. Quando voltei a caligrafia original escrevi palavras sobre palavras e enriquecia o cesto das ameixas umas diferentes das outras, como gentes diferentes movimentos antecipados ortográfias próximas de cantos

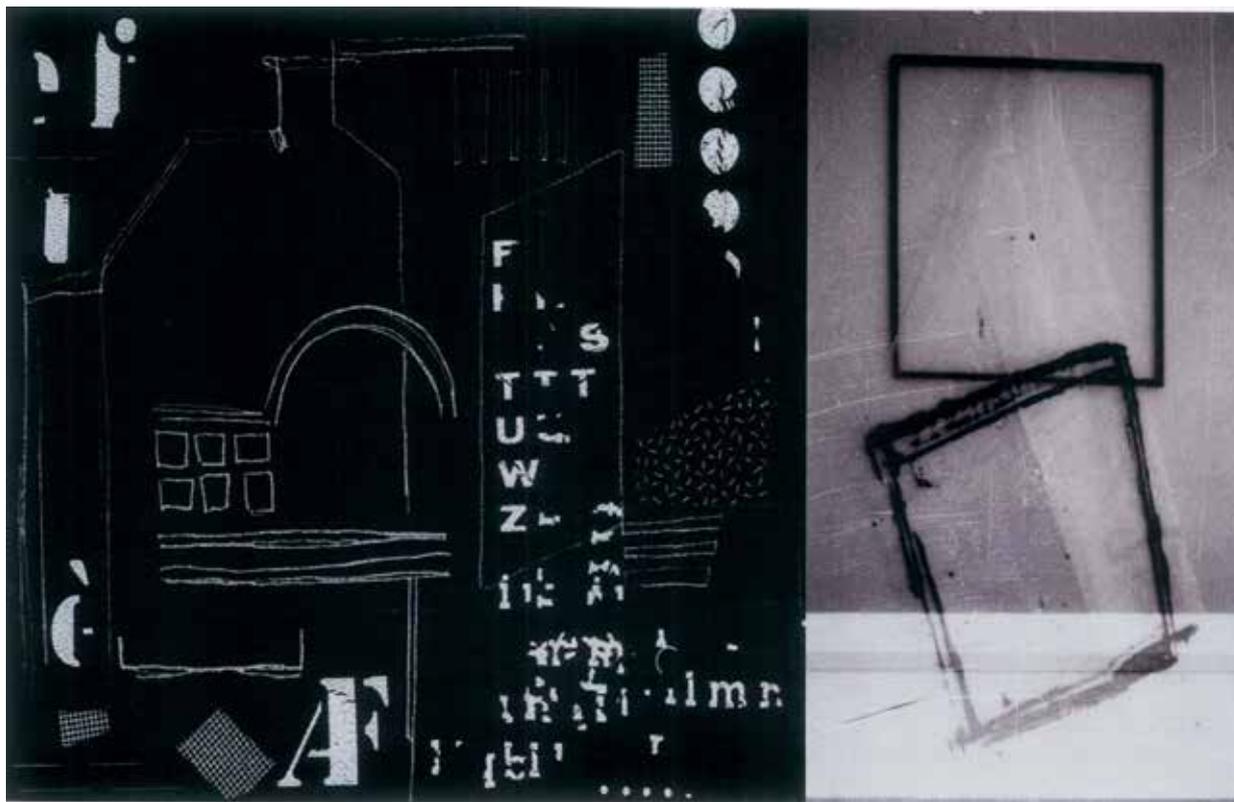


A Fonte da Porta de Moura

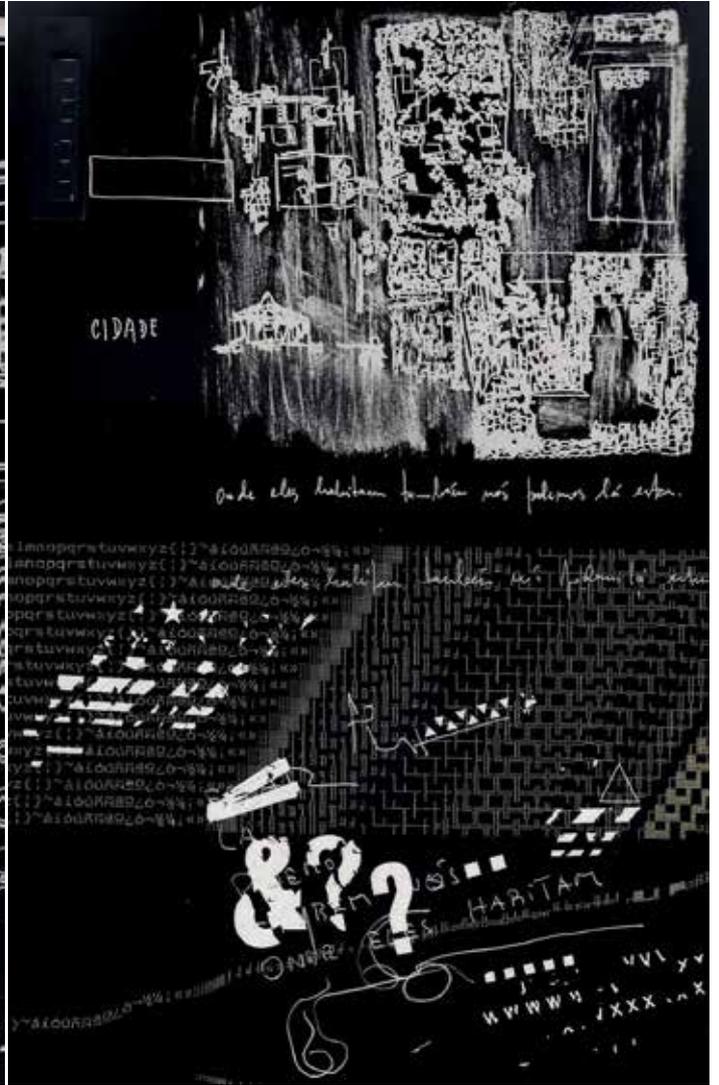
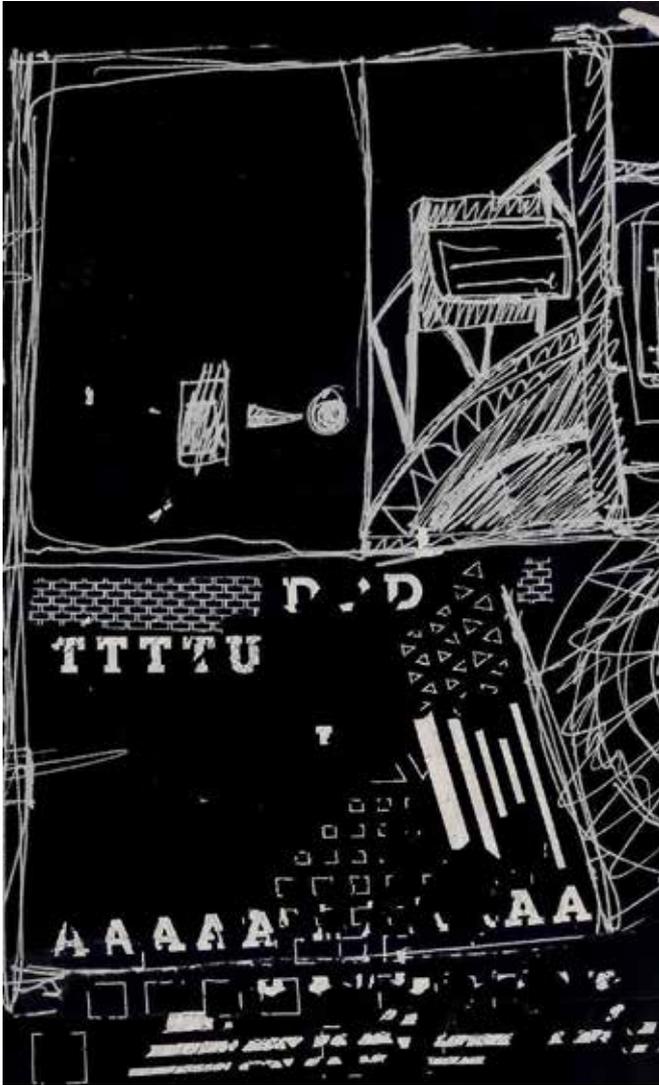
e As anotações do cicerone

Ainda não tinha conhecido Robert Walser (Évora, 1987)

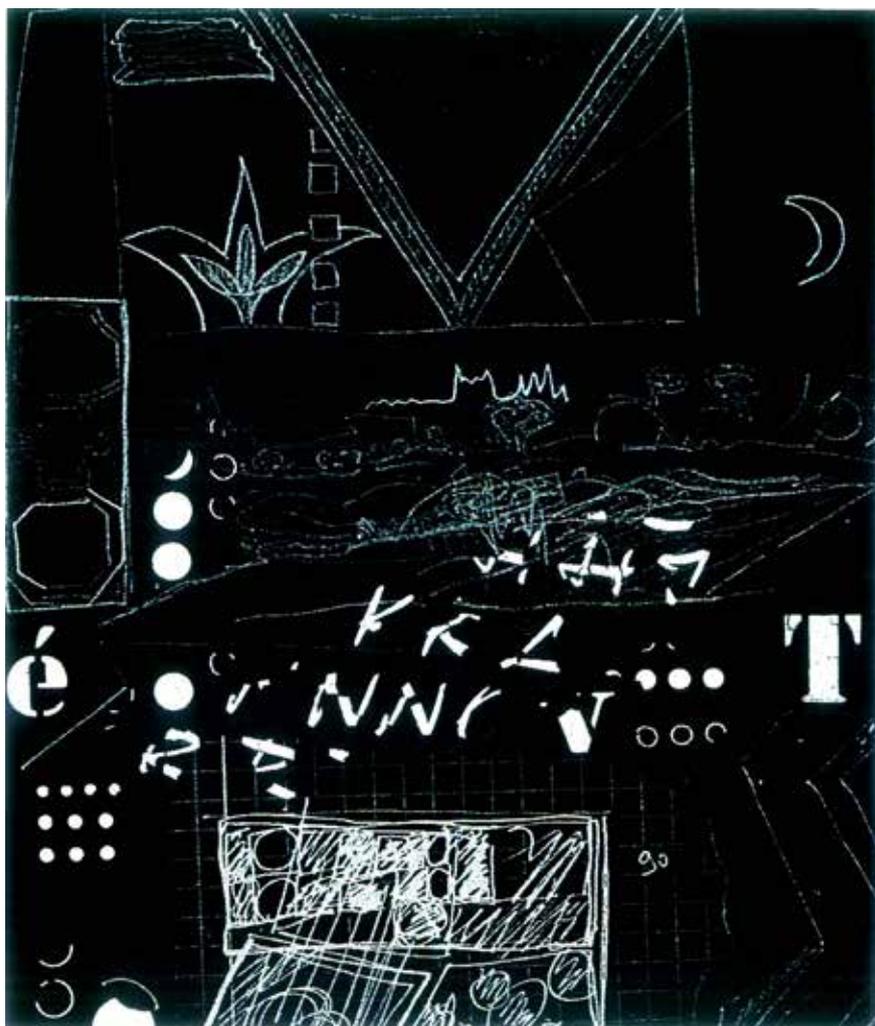




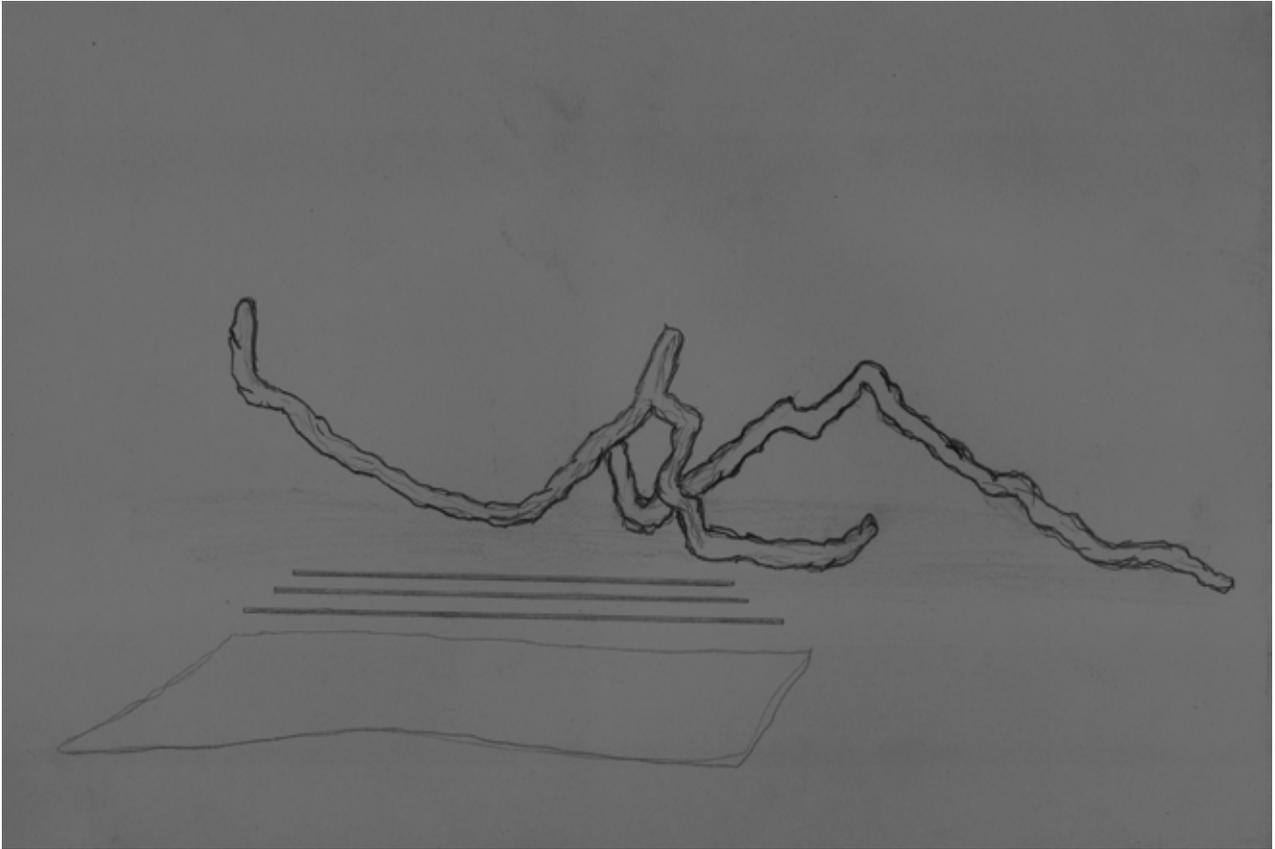
Sombras de Évora (Évora, 1987)



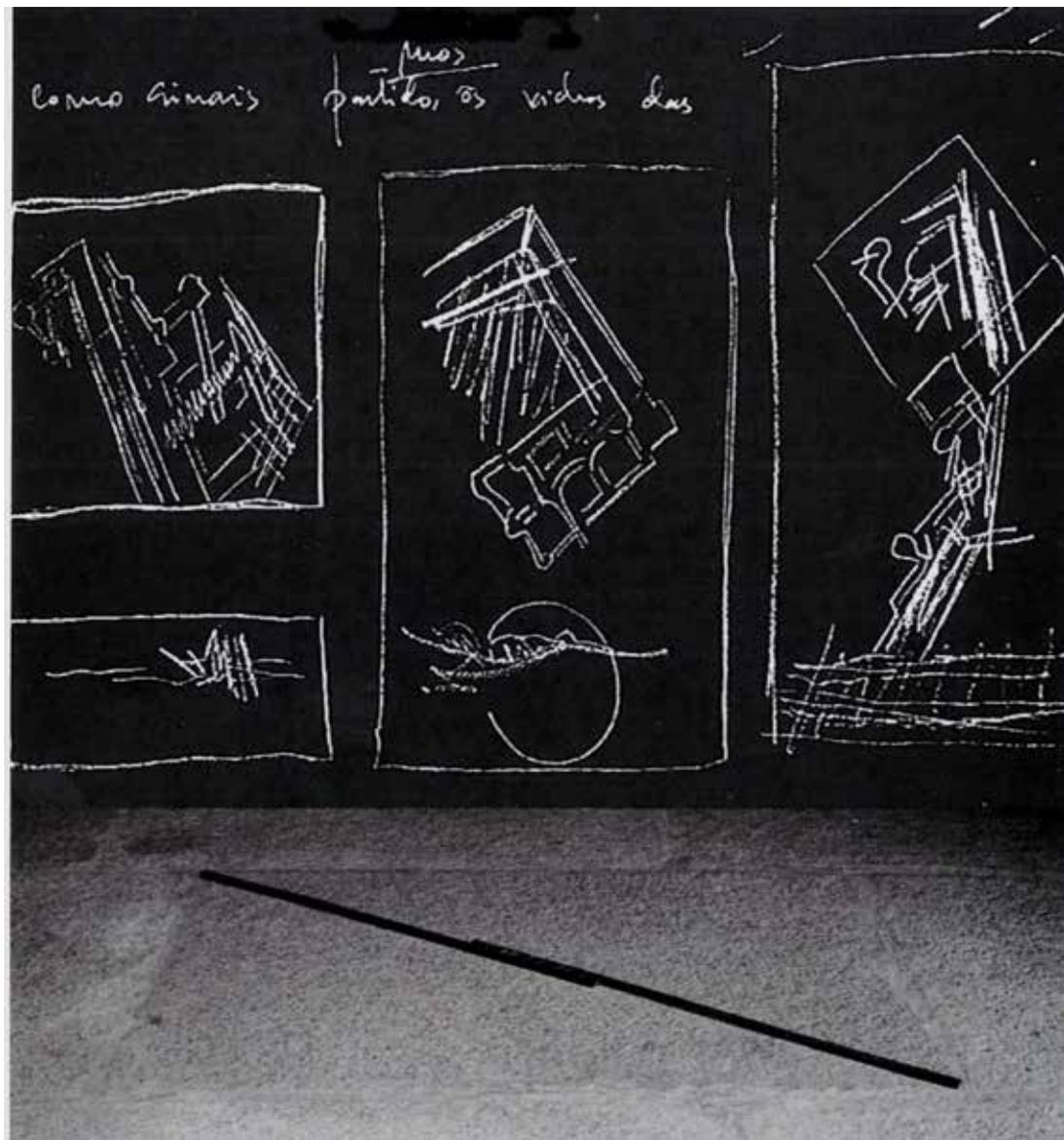
Gente perdida; Onde eles moram também nós podemos lá estar

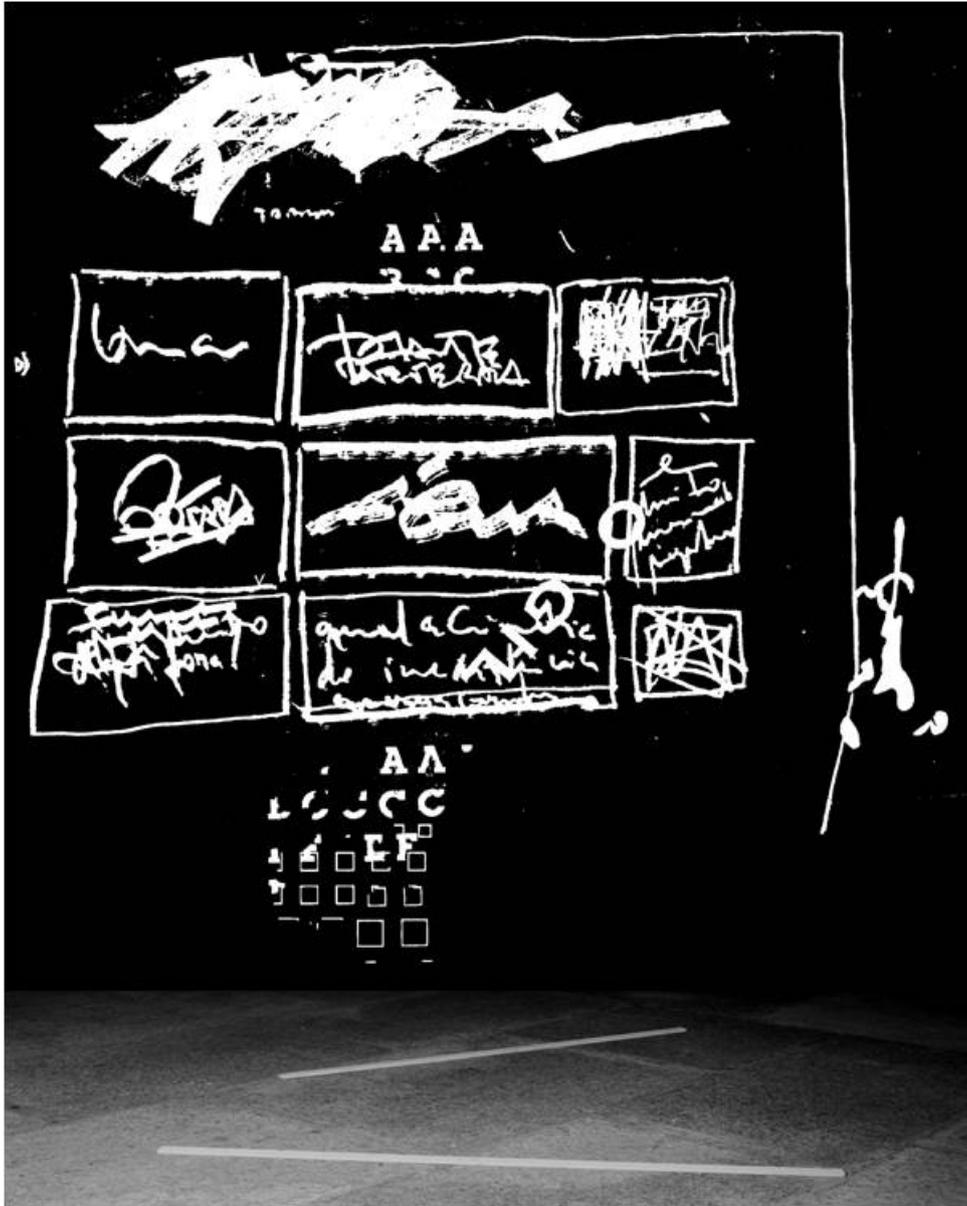


Évora: o vento de cantar (Évora, 1979)



Sem Título (Évora,1980)





## **VI - Capelas Imperfeitas**



O miúdo segurava-o entre os deditos da mão direita  
**Pedi-lhe para ler o que estava escrito Olhou-me trocista**  
Um pedaço de papel o resto amarrado numa folha escolar  
**Na altura em que estava a entregar-me recuou**  
Também parei olhava-me nos olhos com firmeza de adulto  
**Quanto me pagas Mas não fica para ti quero-o de volta**  
Não quero vender... Aquele linguajar tinha algo de estranho  
**A minha curiosidade aumentou e a desconfiança também**  
O desafio estava feito como poderia agora recusar  
Negócio concluído não (re)encontrei

"...nem lisonjas, nem corrupções  
/ quem na idade de 40 anos mal atravessara a fronteira da sua província/  
transferido para a rua Adam no Adelphi/  
suspeitando de uma brincadeira de postilha, ou em ali levá-lo.  
Revistas, panfletos diários em mãos de homens sem carácter de fato,  
disse-me um livreiro: pode consegui-los a um guinéu por dia".(Ezra Pound)

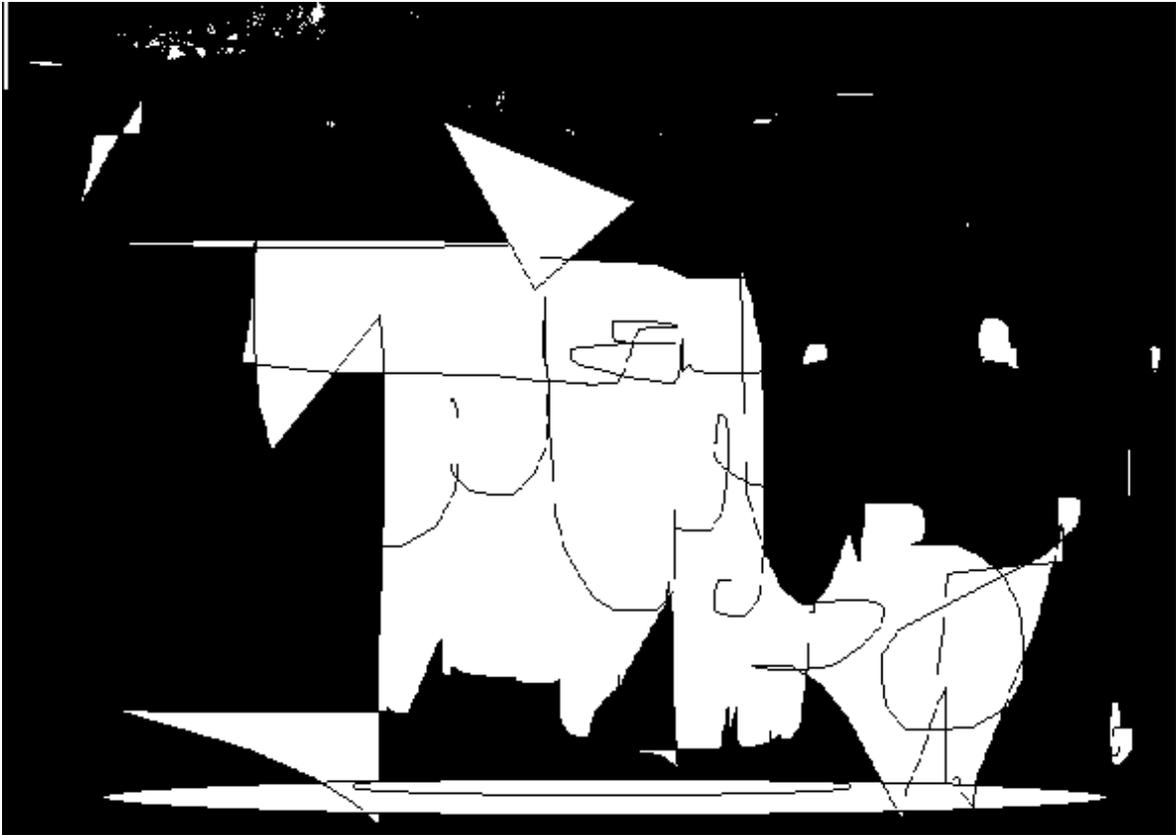
V  
o  
l  
tei-  
me  
para  
a  
meditação  
e desejei  
ser criança.  
saudades  
de menino  
a brincar no largo  
às andorinhas.  
desejei  
com mais força  
com a força  
que revelasse  
o milagre.  
angustiado de  
incompetência  
o mundo caiu  
sobre mim  
como nas  
baba  
la  
z  
e  
s

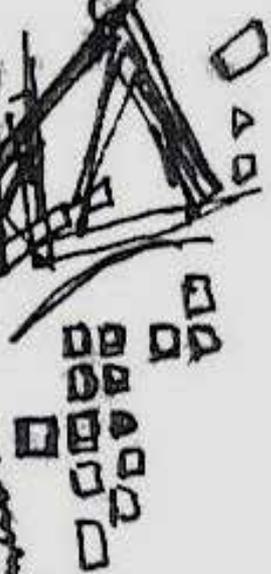
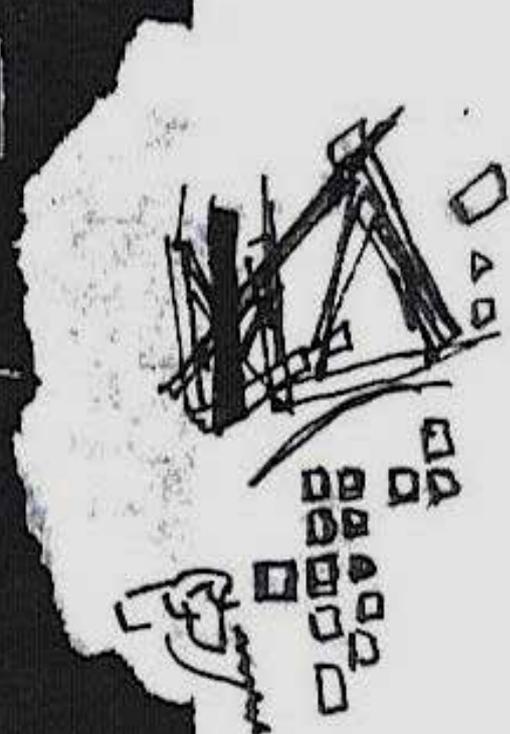






Retino as vírgulas para o texto respirar  
Retino as vírgulas para o corpo respirar  
Retino as vírgulas para o espírito do texto  
Respirar  
as pulsações  
dos eixos do corpo.





me alhura  
Jard  
de Phoenix

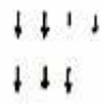
foi com o seu filho  
que me descreveu

intencia  
de

AA  
as mo: tos  
das  
as  
teno  
in  
de a  
P

2003  
hrie





Much less a jump into the abyss.  
~~highly technical, abstract, and~~

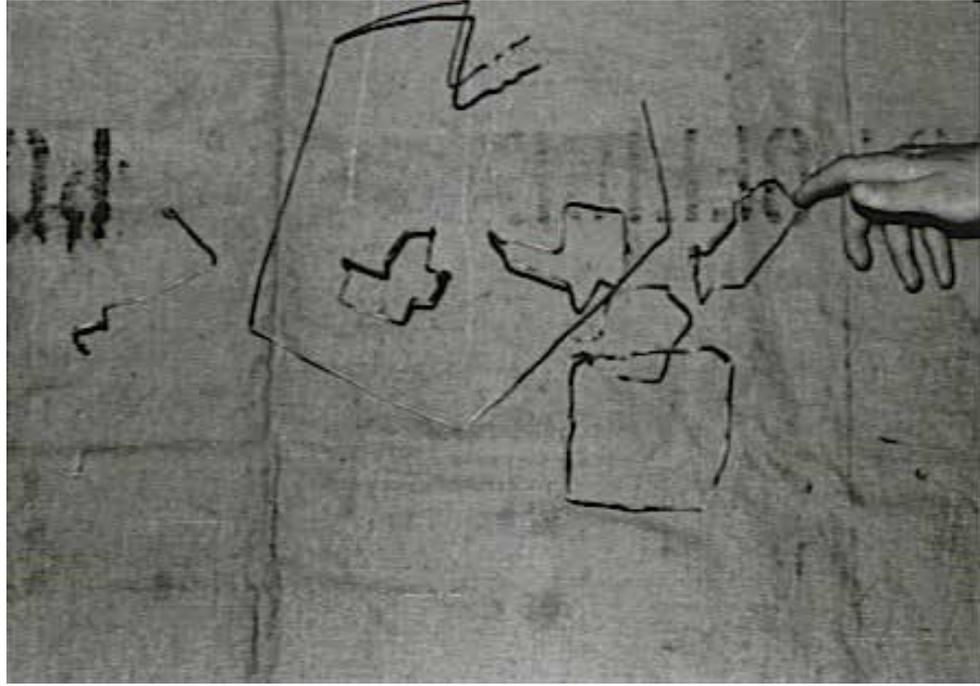
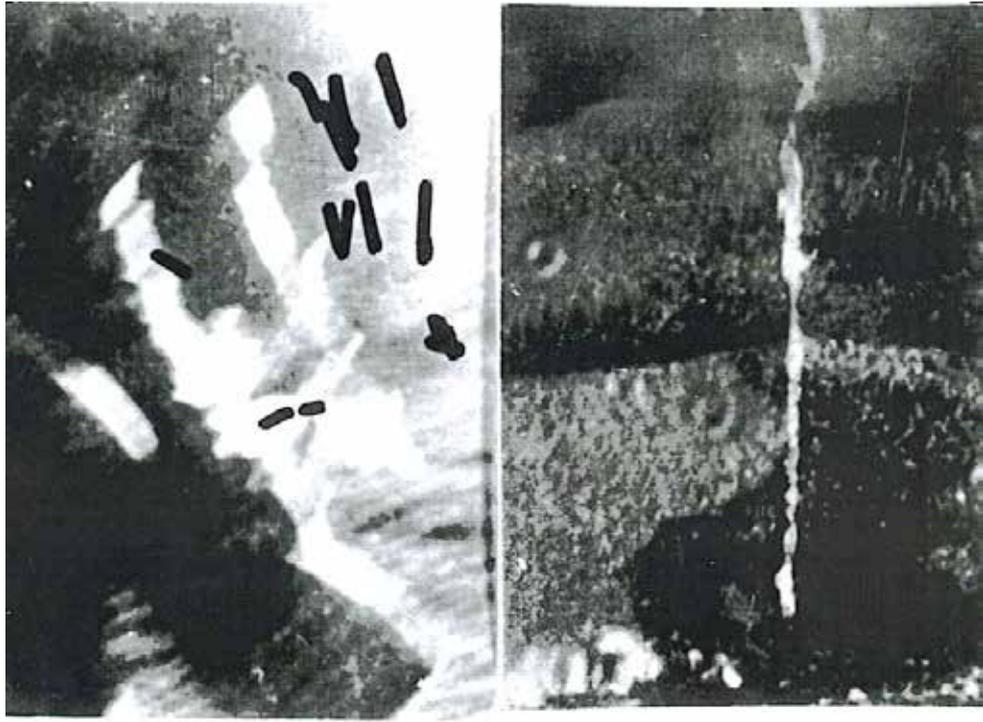
*[Handwritten signature]*

para la forma e influencia. Mas  
o conceito que serve por um teste de N.T.





Exercícios (Évora, 1977)



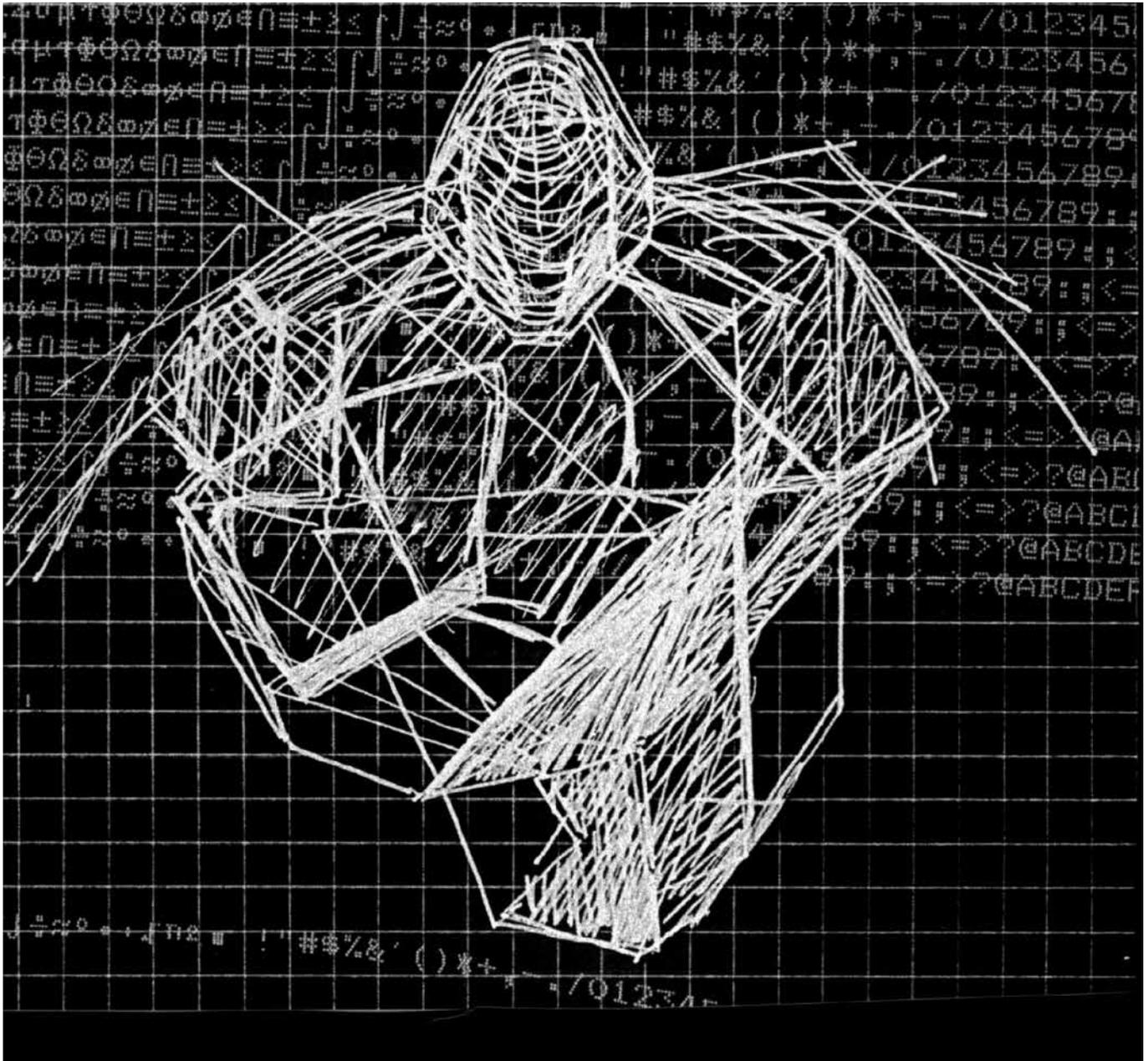
**VII - O Rapaz do Teatro Nacional**

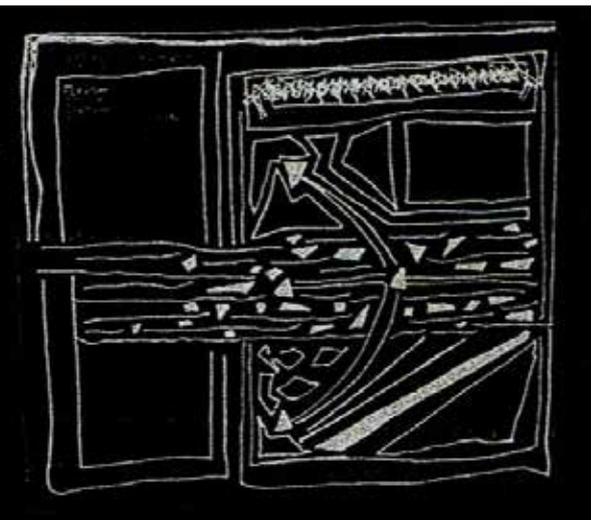
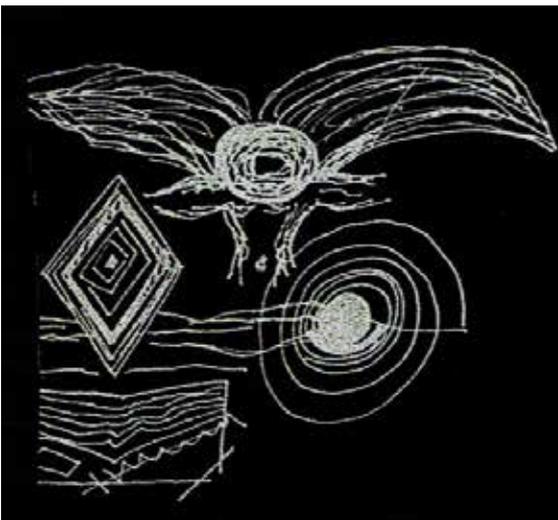
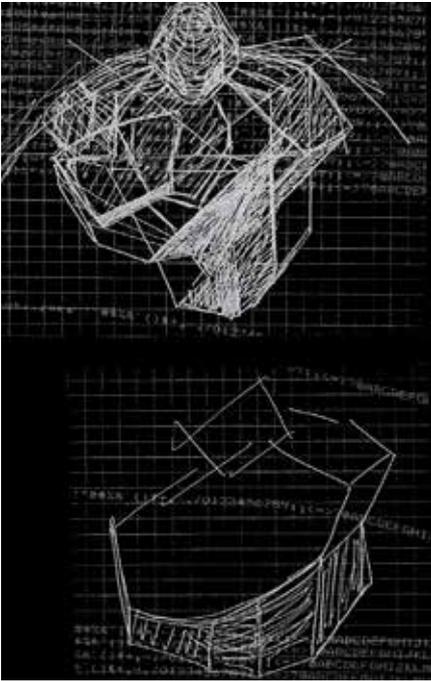


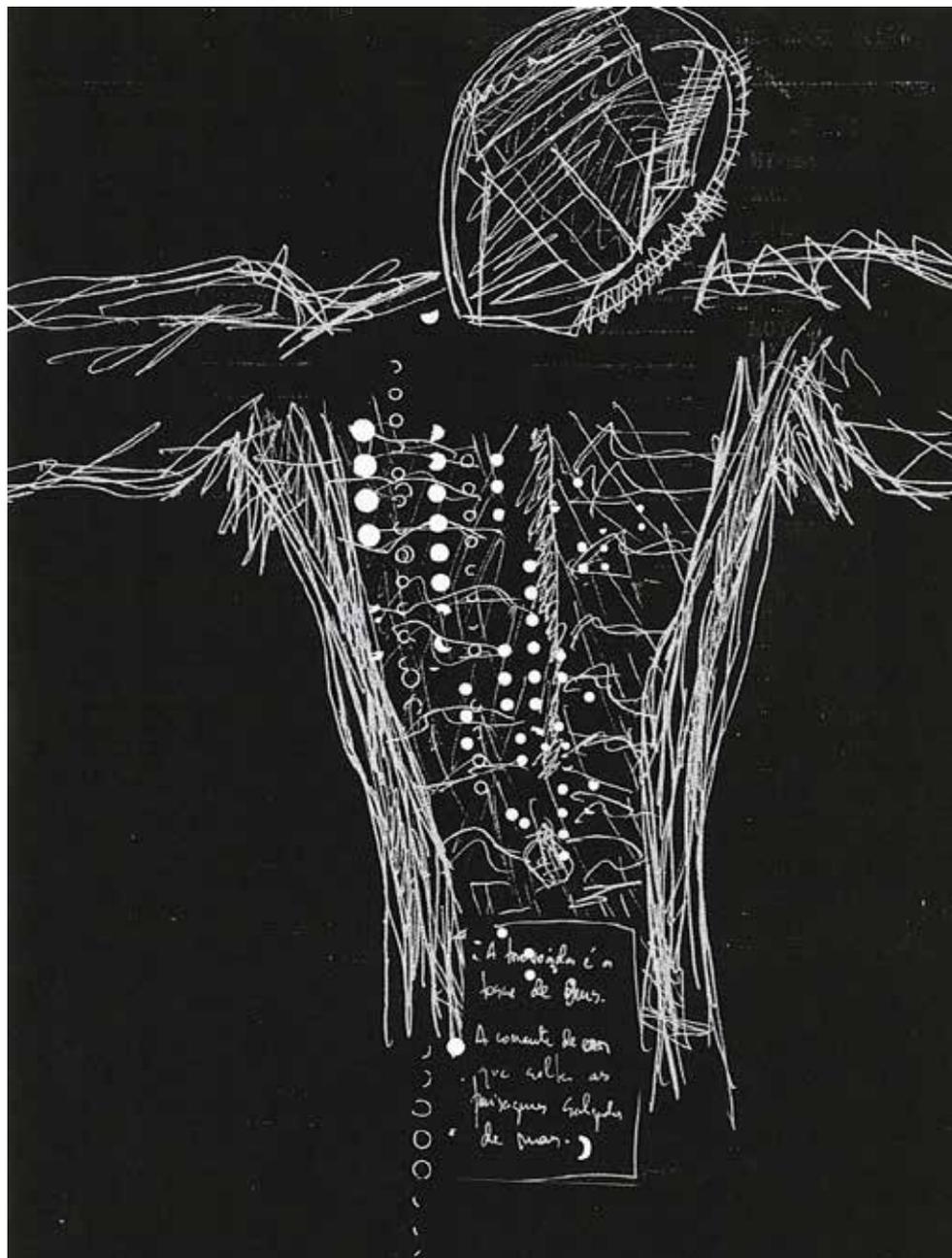
um fio de prumo directo ao solo e o movimento angular dos braços na continuação da passada no olhar segurava outros meridianos perseguido e possesso por aquela imagem do teatro nacional vieram-lhe à cabeça uma série de acordes musicais ritmos misturados das noites melodias de álcool quando será pensou pra com seus botões para qual memória depende a onda quando levantou a cabeça o capitel da coluna Dona Maria vai pousar para uma capa de magazine o cabelo de roxo engrenagens colares de conchas predestinam caminhos um baralho de insinuações e equívocos o mar a arder nos olhos pasmados não acreditavam existir epitáfio do desejo com sôtãos surpreende o visitante porteiros pedras e muros de colecção a palavra correcta criou um conflito com a palavra desejada emoção e razão entornar café sobre o verbo retoca a imagem das ervas a ideia do desenho o sentido marginal reparte-se o subjectivo a leveza do que se respira no ar a baixa de Lisboa pombal de vômitos outro que tenha tanta experiência a rua do ouro acrobacia de verniz sobre o papel hipnotizado o estômago o gesto largo do mestre sob o majestoso arco da rua augusta lixo armazém depósitos a tolerância do rapaz da loiça chinesa vende reis sem trono nem dinastia a catálogo reis artesanais imitações da história camelos de duas lombas a cobra incrustada a ouro em jarras de fogo o jogo do trapézio qualquer geometria de crer ou suspeitar aquela gente vive ao frio sob a chuva velho tem dificuldade a subir para o eléctrico relva cresce ardósia de gestos e relâmpagos de informática, a digitilização dos sentidos sociedade em tempo real cérebros e ar a jornada de trabalho a fábrica mais pesada da reforma descobertas diletantes jovens sindicalistas sombra dos bosques seres dispersos canivetes repuxos crepúsculo dos passos ou indiferentes homens de longas túnicas frente a frente uma predestinação maior os seios frescas amoras cabelos revoltos sobranceiras as janelas ao cair da luz supõem-se rituais de fertilidade e a cor vagueia na imensa sala a pintura recolhe ao mosteiro é a hora das trindades algumas mulheres manifestam no rosto aquela angústia desejante e candida do quente beijo da posse mosaico de fogo corpos em movimento incandescentes espelhos gigantes laminados de platina reluzentes directores de empresas sindicalistas governamentais. a face do prazer puritanos fingidos régua de hipocrisia. acordam ao fim dos dia levantam-se leves e oferecem ameixas amarelas borinhos de frança e os dedos tateiam roçam e raspam as paredes a cal repassada de humidade as paredes quase abertas a madeira das portas carcomida a tinta desbotada ela mede desejos permanencia sentada em frente à mesa de pinho a garrafa a atitude angular das mãos o arco que suporta o tecto o resto da água que assobia como um lago no fundo um pássaro que ir chegar no proximo mês na proxima estação de comboios pouca-terra os lábios despídos quase grossos quase espasmos quase um encanto maior despídos cor de mar mediterrâneo

quente transparente controverso nas margens então nessas praias observamos as luas a posição das estrelas das areias os ventos do deserto frios duros e suspeitos entre alas de tapetes os barcos não tinham tantas velas um pacto secreto os afastava e unia ao passado elo do novo império que se aproxima a pomba afinal era uma nuvem o seu encantamento um oásis um colar de fantasia em volta do pescoço do infante a eloquência da flor o quebranto o sisal a guilhotina cidadãos a cruz as contas o queixume desses homens "tortas de torresmos" em Maio de 76 ainda estava tudo muito vivo bailarinos exercitam-se fecundo irreal céu o código da ventoinha a rotação de alívio o turvo da atmosfera o que se precisa não se respira quem violar as areias as ancas os saíotes rasgo mais uma folha com alguma precisão continuamos com danças para receber os espíritos foste cantada sem saber ainda se realmente és tu a democracia cantaram-te por pareceres a figura mais simpática dos mais prostitutas da política e deitaram-se contigo abusaram e afirmam que não era realmente cristal parecia os sobreviventes as mulheres ficam em casa dizem só as camponesas tinham as pernas escancaradas pela primavera grandes mulheres havia chegado o nectar da difamação frágeis corações de aldeia sensuais desejos renegavam a evidencia e percorriam a estrada que os levaria ao grande monte da abundância mais uma vez em Maio o Alentejo transborda este Alentejo uma torre de desejos impuros um jardim de sedução da capital do capital o pote de mel dessas tábuas até o soar o fim do inverno um punhado de moedas na mão para atrair outras os rostos desabrocham ao cabo das indiferenças naus de novos tempos a desafiar a promessa de um messias antecipamos as eleições para conhecer os novos eleitos e assim mais depressa lá chegaremos que o Tejo mesmo em frente a estes olhos brilha uma paixão quer dizer quase nada os modos o ardina da esquina misericórdia a palavra de ordem pombos do Bairro Alto a memória e os passos uma torrente de gotas as rosas ou o perfume da cidade em Março os palhaços sentados conduzem viaturas e do alto das tribunas apelo à recusa e pela recusa qual fato talhado em perfeito molde jogos de futebol antecipados transmissão sem fios conchas ressuscitam a mesma lenda a noite repartida camisa de seda estampada descendo ao longo do rio o rosto do menino dos neons policromados o neblina segue viagem assim na Nazaré na Horta, em San Meguel qual o sentido dos sinais contrários o cubo e a ressurreição do corpo a lua sereníssima no seu leito no doce manto da aparição depois de harmonizar as manhãs com as páginas dos anúncios dos jornais cinzento e preto das palavras impressa a tinta a o cheiro que se solta entre dedos e nariz entre passos e os degraus e o vão que colhe o movimento puro do corpo insatisfeito e cansado e carregado de gorduras e desejos gordos na madrugada dos dancing dos antigos bailes de salão pego no telefone para descobrir um cubo uma voz feminina uma

bandeira a imaginação ansioso de aventura os cabelos do peito quero descobrir o que se passa do outro lado da linha nesse momento retomo o plano da mesa do jornal do telefone nessa altura fui ao terreiro do paço (apressado) falei com pintores especuladores imobiliários funcionários das finanças largos sótãos existenciais dos dias das bandeiras vermelhas pisei o calcário da rua augusta um saco cheio de novelos extravagantes arcos de fumo acabo na solidão costumeira da esplanada ou na corrida de comboio para o sul abeirei-me do Tejo e mijei no cais das colunas quando a lua não tinha rosto e os barcos estavam mais quedos e as águas mal se ouviam atrás da cortina no corredor do riso repeti várias vezes acordar as gaiotas passageiras habituais de vários tipos de fado assim passavamos os cachimbos para sarar as feridas na ânsia de uma amizade circunstante nessa noite não dormia na rua havia voltado as costas clave de sol indicaram-me um quarto que se aproxima do céu um sinal cosmico 3.6.91 a noite está suficientemente fresca para arrefecer o café que tenho à frente a esplanada está para os rostos dos passantes assim como o soberbo arco do fim da rua está para os residentes da outra banda oi oi basta pressionar o z sai sempre podem-se arranjar uns trocos de boi e cobre, uma cabra velha e um unguento contra os maus olhados estamos a pedir para o Santo António o casamenteiro eu rogo-lhe um divórcio o da pobreza com a cidade de Lisboa cinco tostões por um Santo roça-se a criança entre mesas e cadeiras anda cá grita mestre trompeta finge que é coisa de criança e passa-lhe a dica para a moeda mais alta depois da casa eu estou lá ao fundo atentamente preenchia o totoloto cumpre escrupuloso os deveres de quinta-feira tem em comum o totoloto e a quinta-feira nada mais os une tudo tudo os separa os triangulos equiláteros pelo tampo de mármore negro da mesa do café estendem-se veios das pedras de água os fundos marinhos das conversas das vontades das algas dos moluscos e dos peixes sociáveis a pescadora de ostras e os pentes de pau-preto.







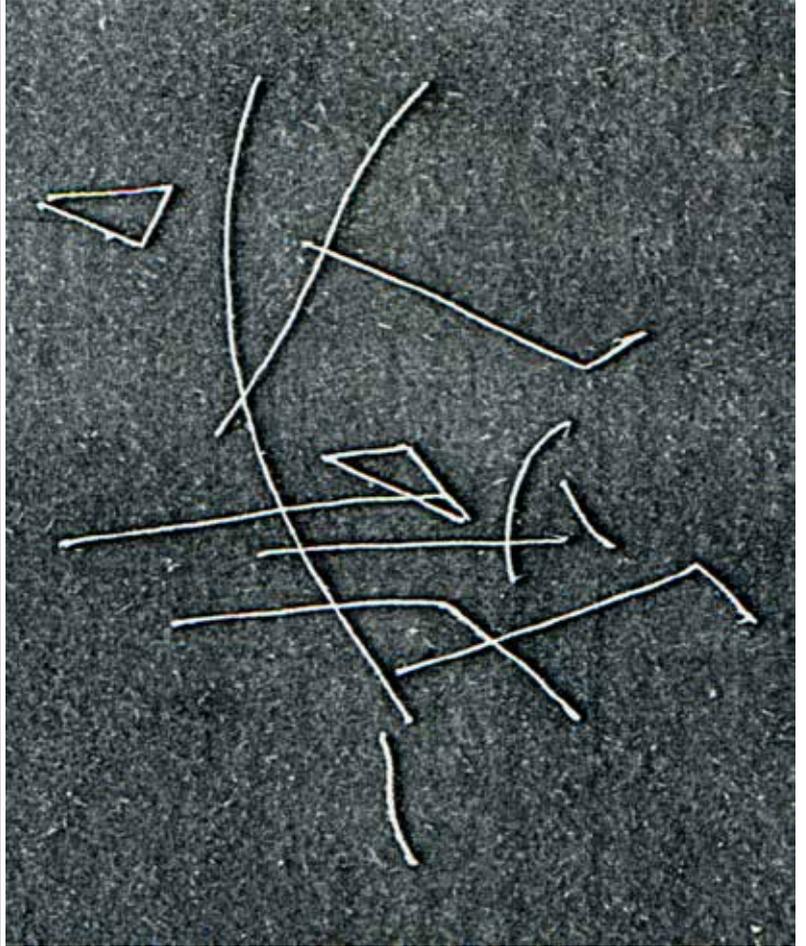
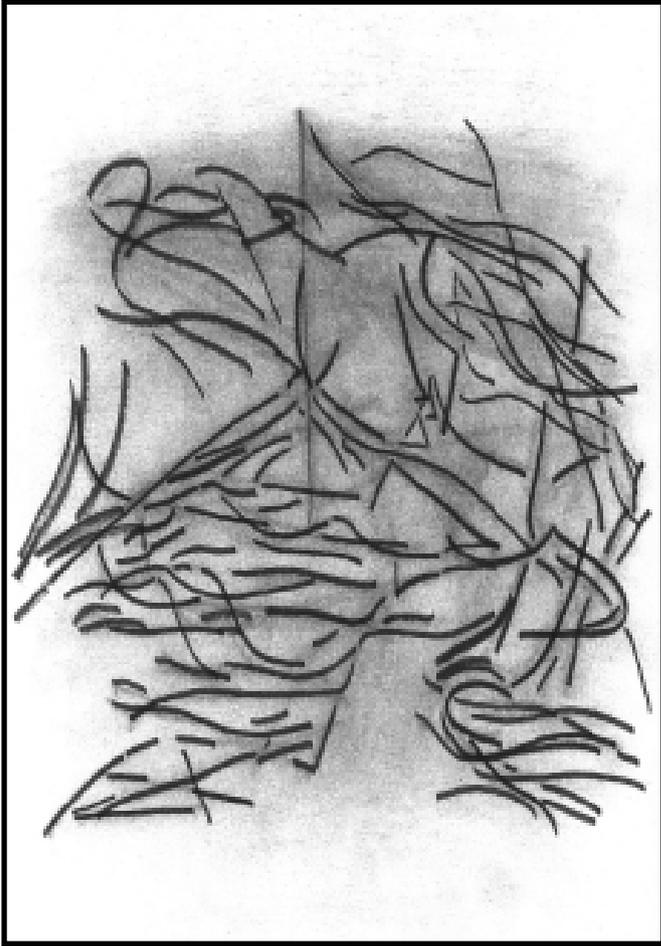
## VIII - Fractura



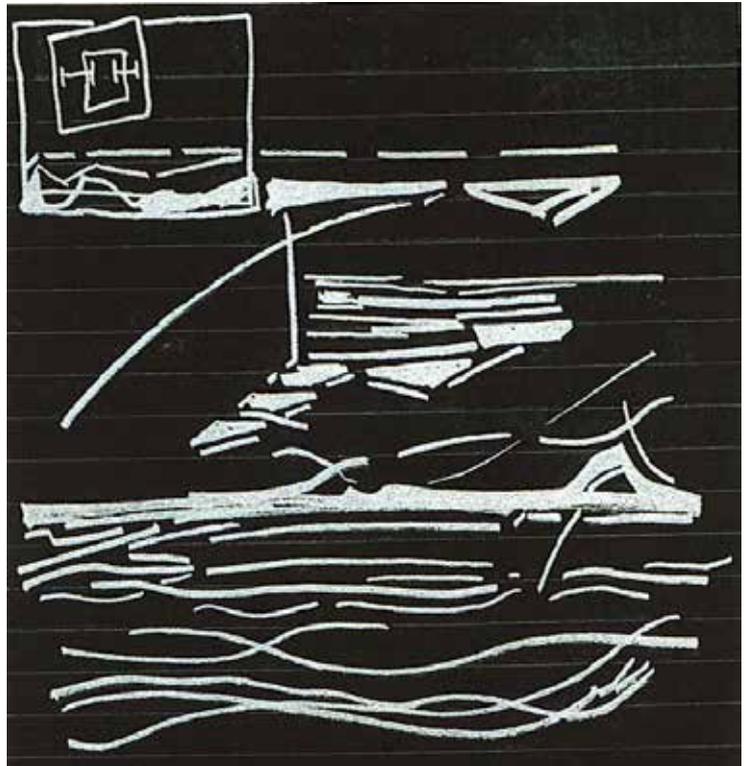


prece ao criador  
reflexo.  
b.....ar( ) c  
bar .....co barco de lágrimas.  
todas as manhãs à porta do oceano **vagueio**.  
os pescadores entoam um canto de areia  
a simetria dos dias da ilha  
o espelho o beijo o fato  
um mar.  
o sono do mar.  
O mar .  
os  
lugares  
d  
o  
mar.  
hortênsias  
e  
areia negra .  
ela segura um lenço branco de linho que bordou a ponto  
c  
**r**  
**u**  
z  
.

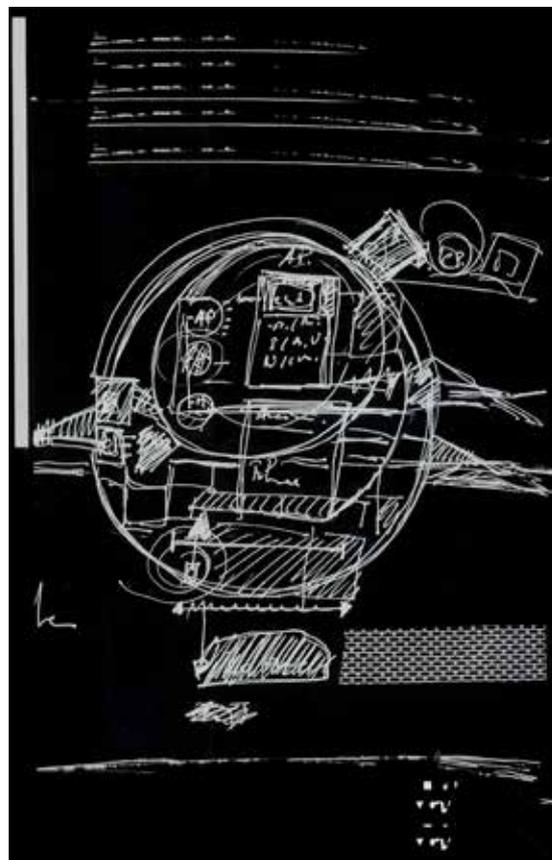
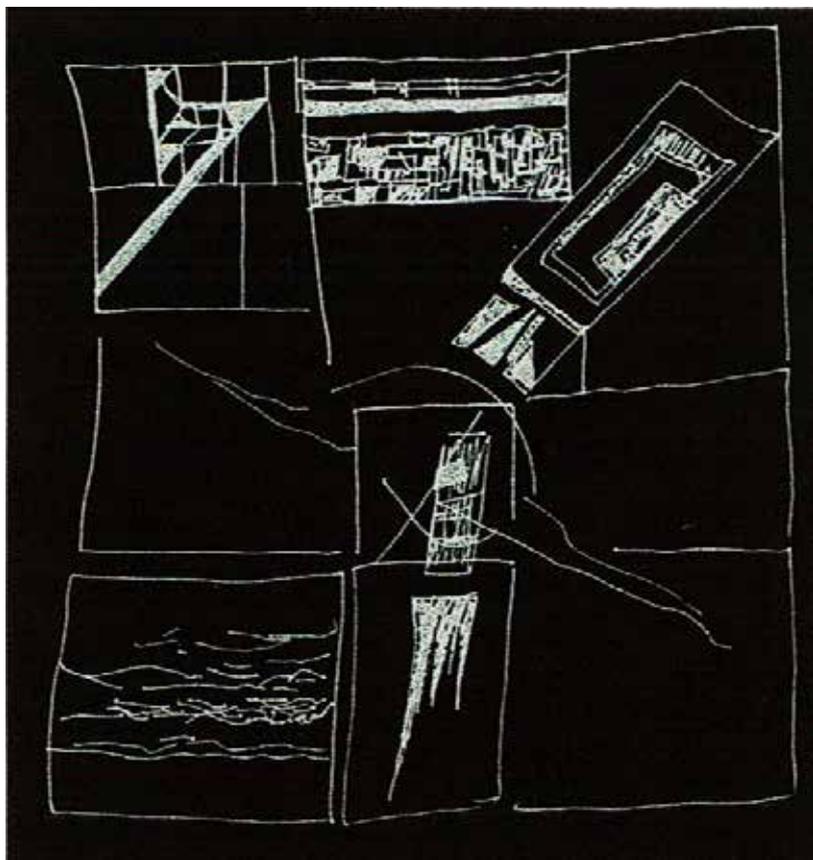
(Ilha de São Miguel, 1984)



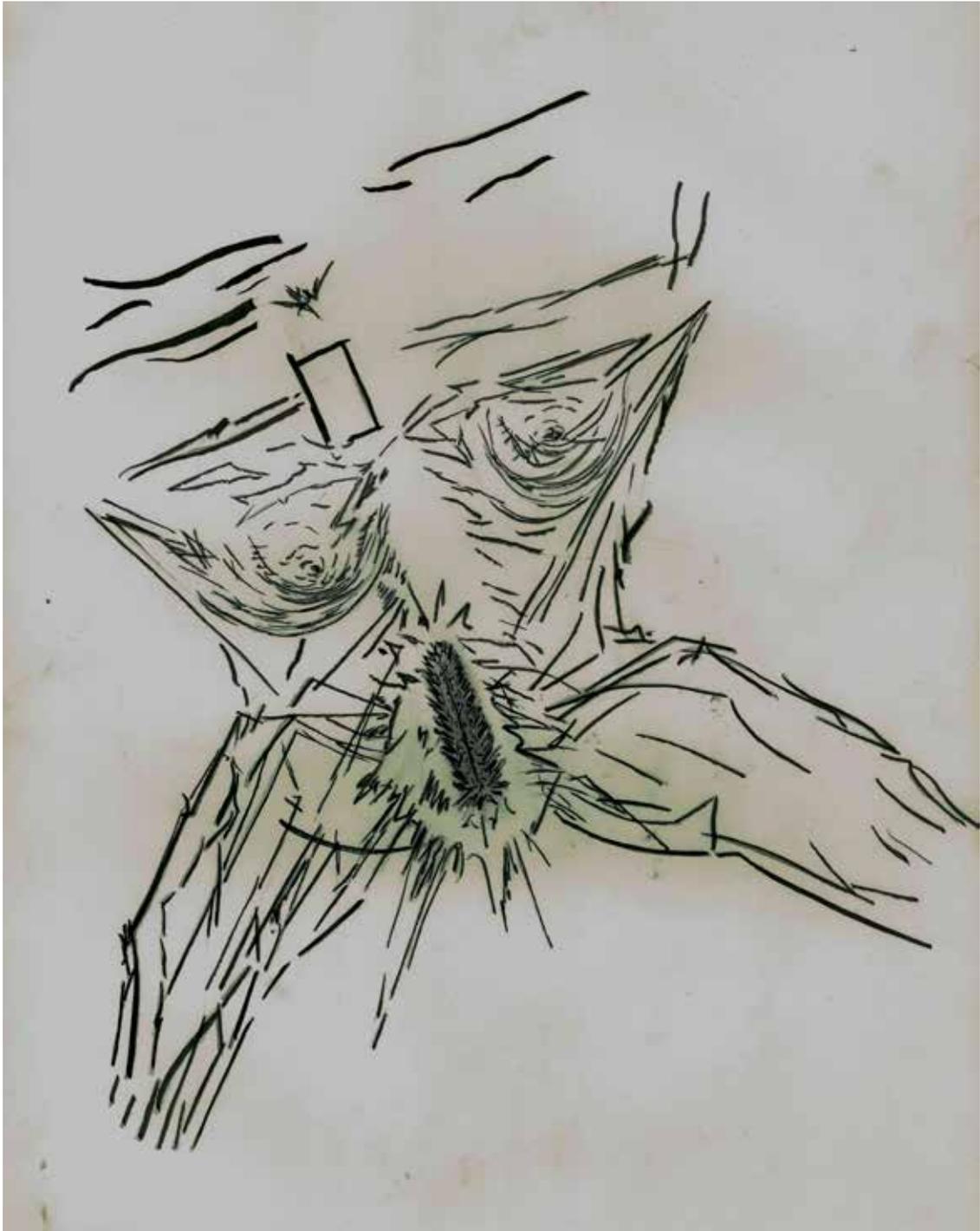
Mar Revolto (Faial, 1984)



Canal do Pico; Mar do Açores (Ponta Delgada, 1983)



Atlântico Norte; Fractura IV (Ponta Delgada, 1983)



**IX - 0 Carocha**



## **Ainda de bem:** Vivências do Carocha ou o Caso de um Carro Voador

### 1.

O automóvel é como um búzio, tem paciência de largos mares de gente, ondas e pêndulos que se sobrepõem ao pavonear das buzinas, aos percursos da fantasia. As cidades, as réguas, os compassos, as moscas e os outros insectos saboreiam as bocas dos semáforos, ruas repletas de arlequins, noites de pavões a dobrar curvas de ignorância em autoestradas de exibição.

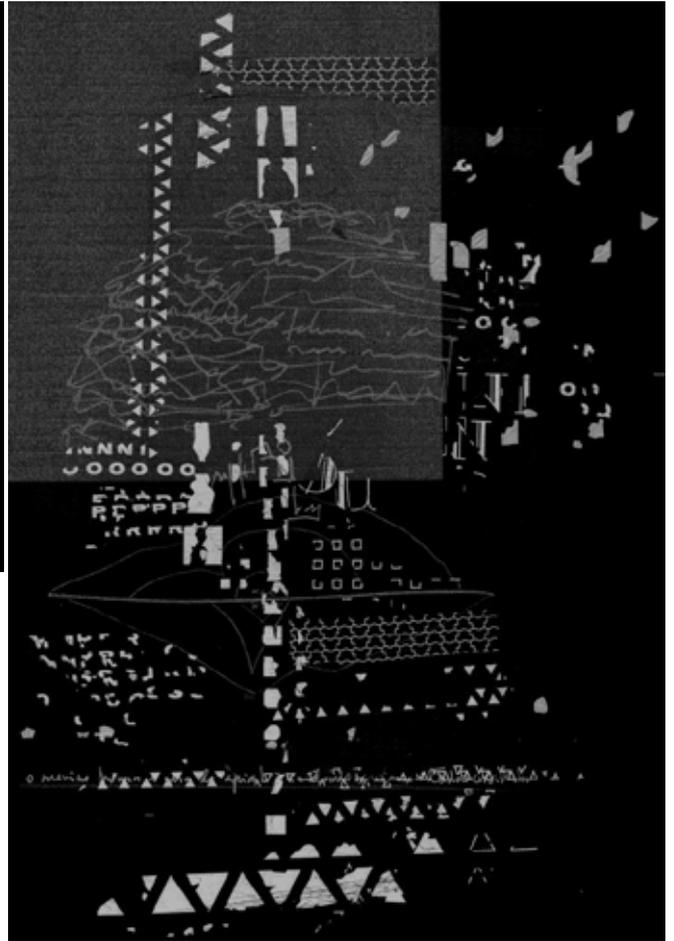
Saimos todos juntos, o carro, eu e duas portas. Uma abre para o céu enquanto a outra se fecha para o inferno. Quando dou boleia ele fica cheio de ciúmes. Até já fomos a Arraiolos terra de judeus e ainda de bem. ainda de bem que o meu carro não sou eu, mas eu é como se fosse ele, o cão do carro. Ele é o meu melhor amigo. Com ele saboreio o amor e trocamos conselhos com os espelhos retrovisores que olham para trás e nos avisam do futuro.

Quando lhe pediram a identidade mostrou o carro, negro e amarelo. As portas ecoam a metal tingido de ferro os estofos de veludo acrobático. Conduzia divindades em forma de laranjas de Tetuan e mascavava haxixe enquanto dirigia filas de trânsitos levitantes.

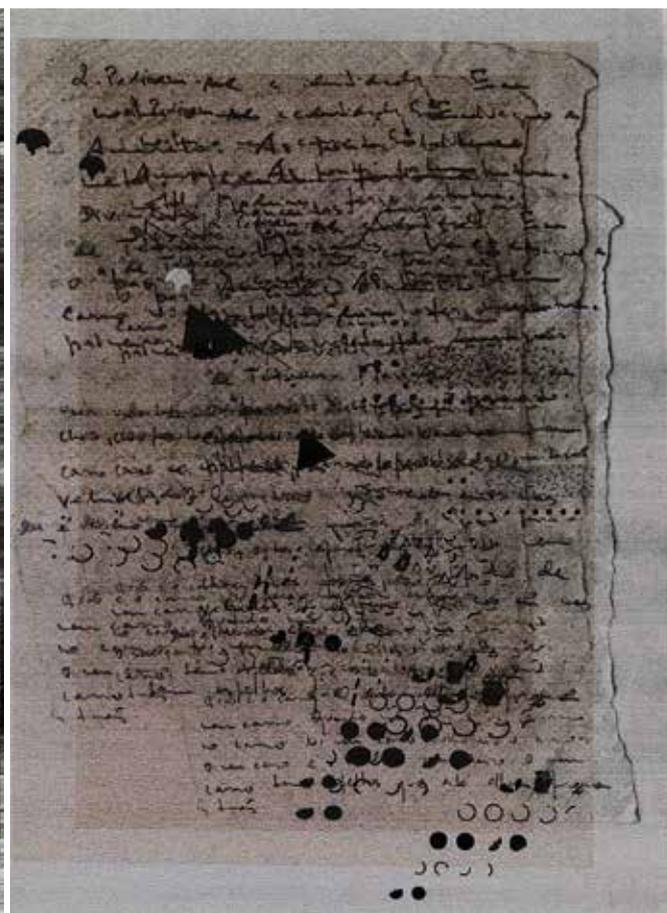
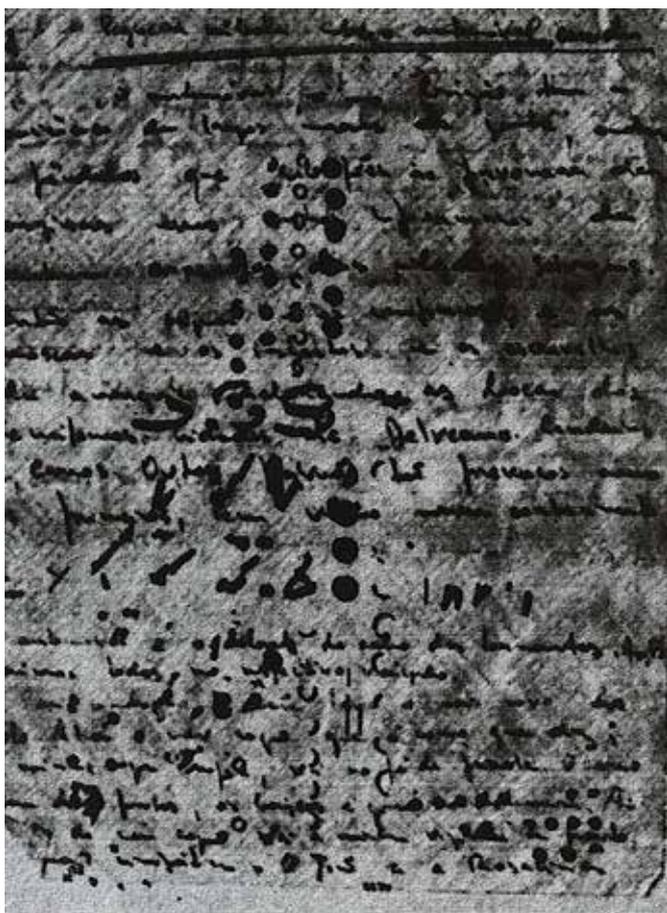
Com a destreza possível enfrentei um acidente por causa de um avião, um adorno de utilidade, cúmplice de importantes situações. Quanto à emoção direi que não é um quarto escuro nem são delírios. É a glória e a desgraça diluídas em condimentos exactos, na evidência dos factos que dentro de nós se fazem voz para dar razão às opções, justificam as fraquezas pessoais e mantém o alento para as grandes caminhadas de todas as Esperanças.

### 2.

Depois cruxificou o carro em blocos de betão.



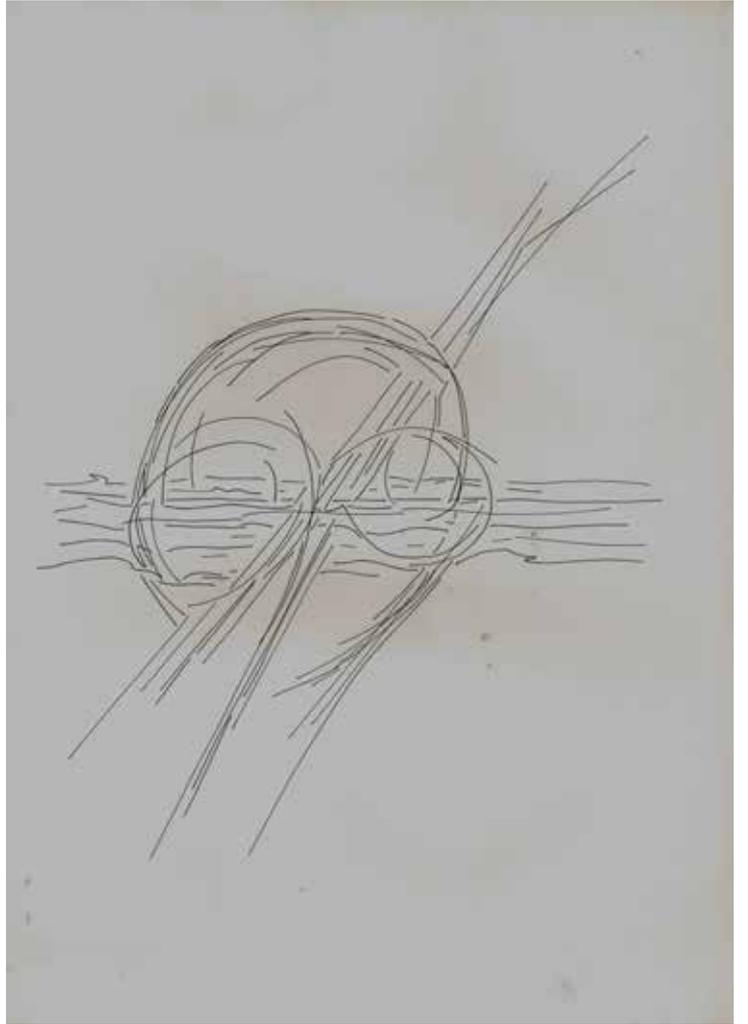
Viagens I (Évora,1994) Viagens II (Recife,1999)



O carocha (Évora, 1999)



Viagens a Pias (Pias, 1985)



complexa teia de ~~conexões~~ *conexões*  
Onde os artistas se relacionam e trabalham em ~~grupos~~ *grupos*

três grupos:  
1) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*

Samat, Shikani, Lemos, Neri, Lacerda, Capriles, Costa, Dantas, ~~entre outros~~ *entre outros*

2) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*  
Aula de Teoria da Música  
passagem de ~~um~~ *um*

3) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*  
Bento Marques, Bento Marques e ~~outros~~ *outros*

4) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*  
Museu Nacional de Arte Relato  
para a reconstituição dos mecanismos

5) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*  
Museu Nacional de Arte Relato  
para a reconstituição dos mecanismos

6) Os artistas que trabalham a partir das raízes e elaboram na tela uma ~~obra~~ *obra*  
Museu Nacional de Arte Relato  
para a reconstituição dos mecanismos

**X - A Menina**



a menina

ainda não  
sabia falar.

no aeroporto olhou para mim

e d o s s e u s  
olhos negritos  
deixou  
c a i r uMa l á g  
r i m a  
simples  
l e n e silenciosa  
do TAmanho do  
oceano  
que nos iria  
separar

a menina

ainda não  
sabia falar.

no aeroporto olhou para mim

e d o s s e u s  
a menina ainda não sabia falar. olhos negritos no aeroporto olhou para mim  
e dos seus olhos negritos deixou cair uma lágrima simples e silenciosa do  
tamanho do oceano que nos iria separar C  
a i r uMa l á g  
r i m a  
simples  
L.....e.....n e silenciosa  
do TA....manho do  
oceano

a menina

ainda não  
sabia falar.

no aeroporto olhou para mim

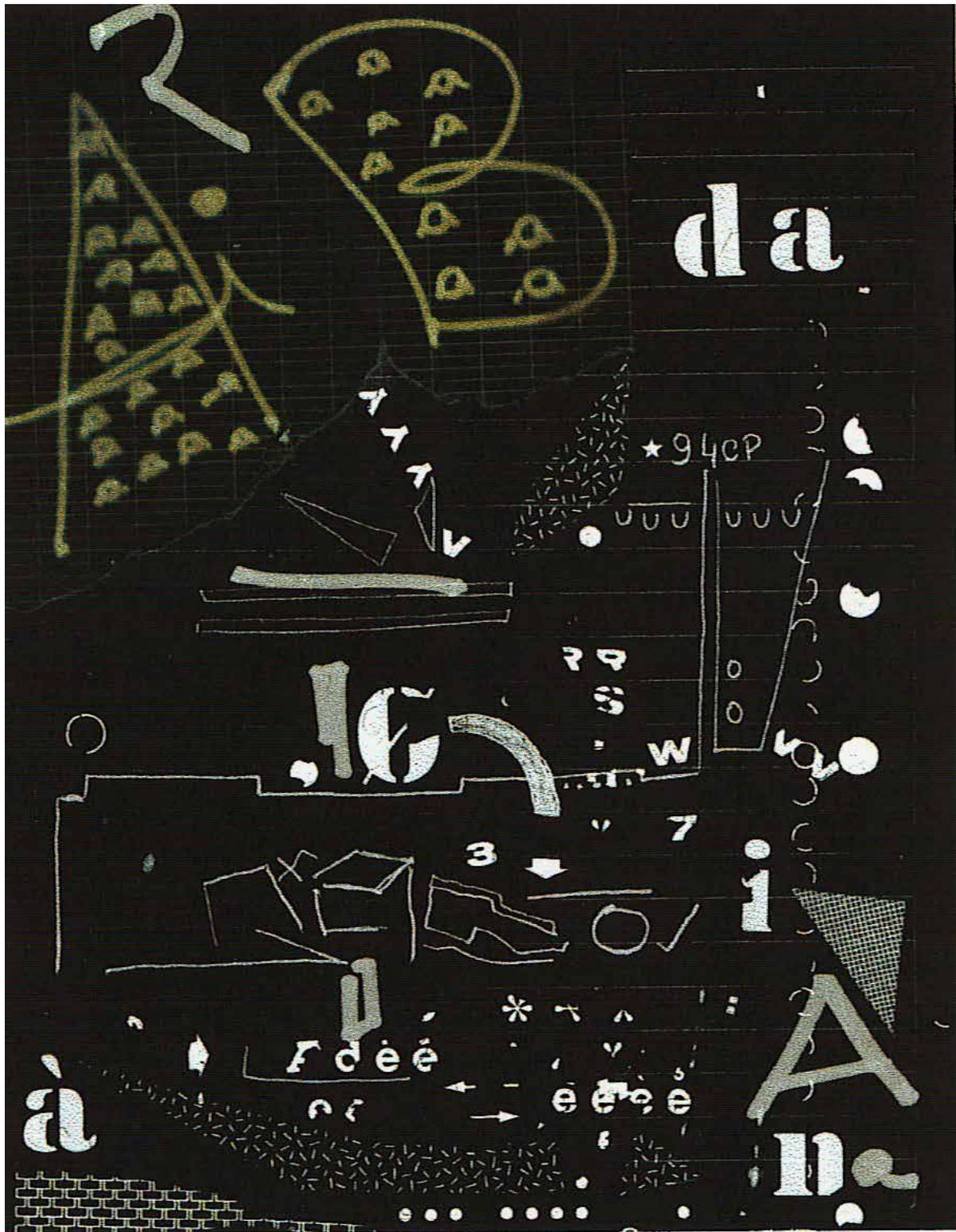
e d o s s e u s  
olhos negritos  
deixou  
c a i r uMa l á g  
r i m a  
simples  
l e n e silenciosa  
do TAmanho do  
oceano  
que nos iria  
separar

a menina

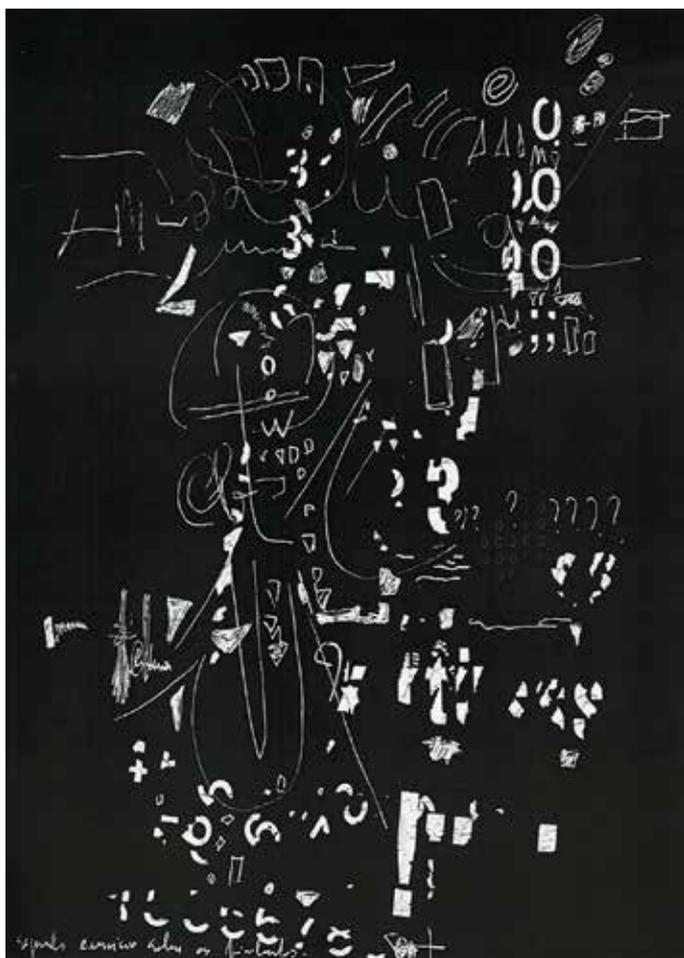
ainda não  
sabia falar.

no aeroporto olhou para mim

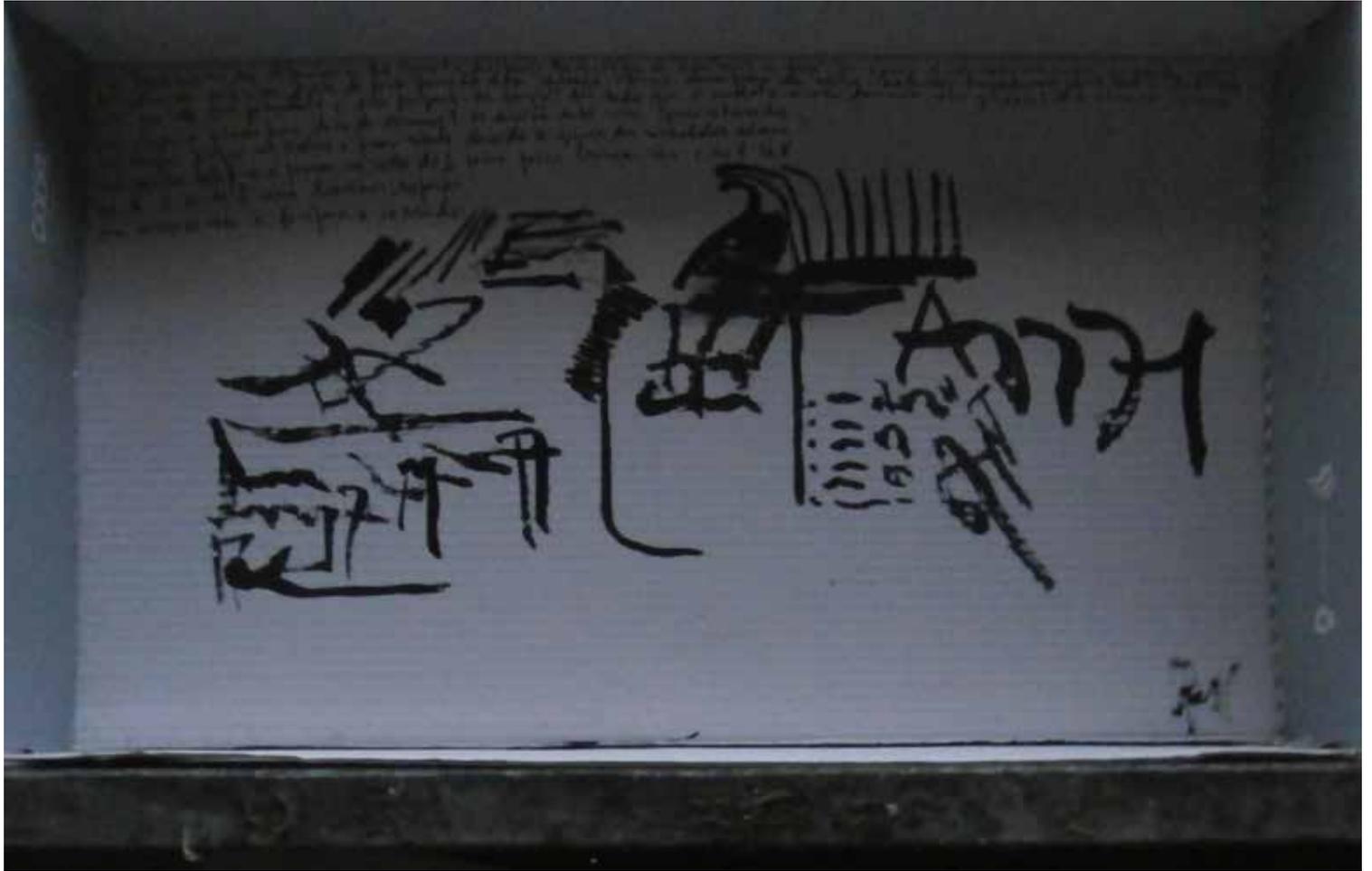
e d o s s e u s  
a menina ainda não sabia falar. olhos negritos no aeroporto olhou para mim  
e dos seus olhos negritos deixou cair uma lágrima simples e silenciosa do  
tamanho do oceano que nos iria separar C  
a i r uMa l á g  
r i m a  
simples  
L.....e.....n e silenciosa  
do TA....manho do  
oceano



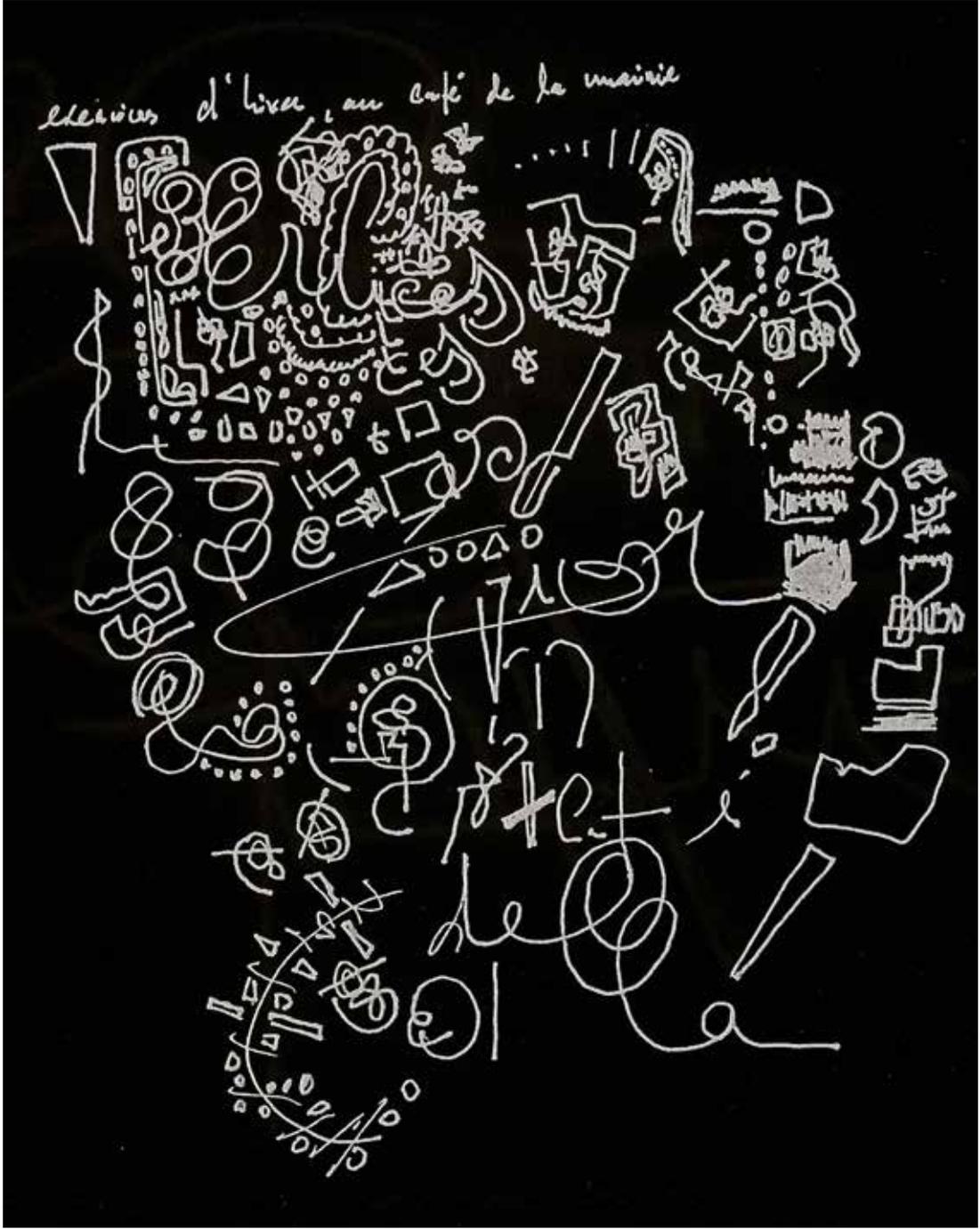
A i B da Rita (s/data)



Segundo Exercício sobre os Pirilampus; A Menina e o Alfabeto (Maputo, 1999)



Poema-objecto em processo (Évora, 2009)



Exercices d'hiver au café de la mairie (Paris, 2003)



S.Paulo - onde está a cidade? (2015)

**XI - Rosa dos Ventos**



### 1. Contra o esquecimento

alinha a bainha que desliza  
badala meia-noite ao Castelo de Arraiolos  
cosiam agulha e dedal pontos que o desejo lavrou  
**e a lua cheia das papoilas beija de claridade a vila mais próxima da noite**

### 2. e...de repente...o exílio

de repente...**cresceu uma enorme melancia** em cima do balcão da venda. **O cabelo cortado** queria dizer tropa. **as unhas ruídas** o céu da trovoada. **os pulsos rasgados** a despedida. **O ventre** a despir-se. **um copo** corpo fresco como o linho. **os gestos eram rugidos**. de repente...a melancia em cima do balcão da venda...**as unhas roídas**

### 3. Não te perturbam os gritos?

São os homens do campo que vieram à vila acordar o que estava a dormir. Só a azinheira ficou perpendicular ao espaço contínuo do cinzento, o homem da bandeira vermelha que abre a manifestação, tem um chapéu preto, as mãos tintas de barro e olhos de alucinação

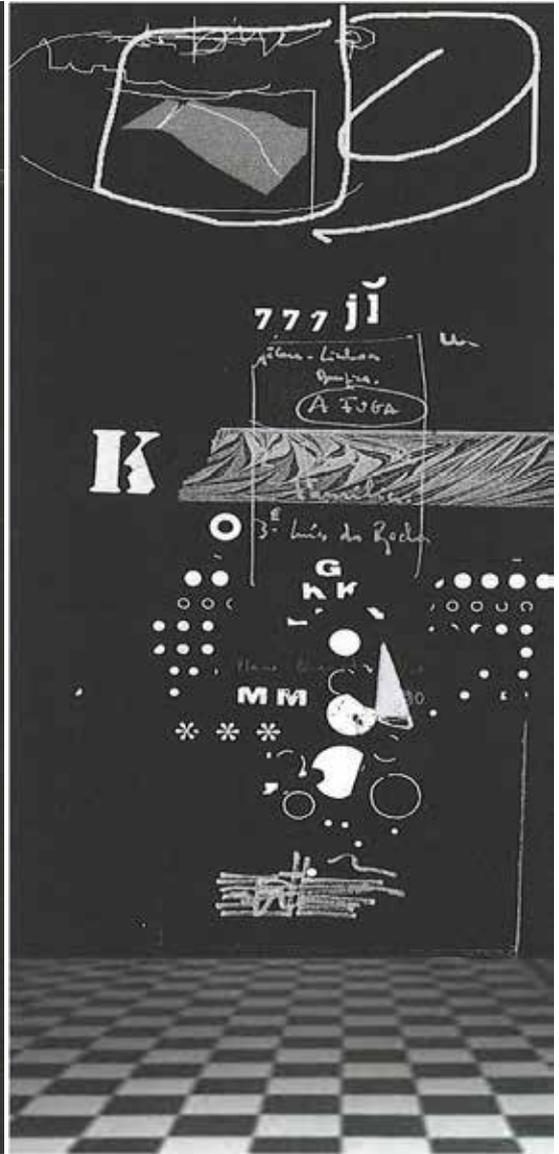
### 4. Salmos do coração

**tu dormias eu ouvia a chuva em Willsden Green**  
e os pássaros cinzelavam delírios  
nos olhos da chuva em Portobello Road  
um lírio roxo **na extrema da ceara crescia**  
e descalço atravessava a Praça da Câmara

### 5. sempre noiva e as romãs

canto **rua e vinho conto metal** vácuo ruído inox do tamanho da **santa violência** do banlieu  
colho figos bravos corto canas e avisto pássaros foragidos como nos zínco de Maputo

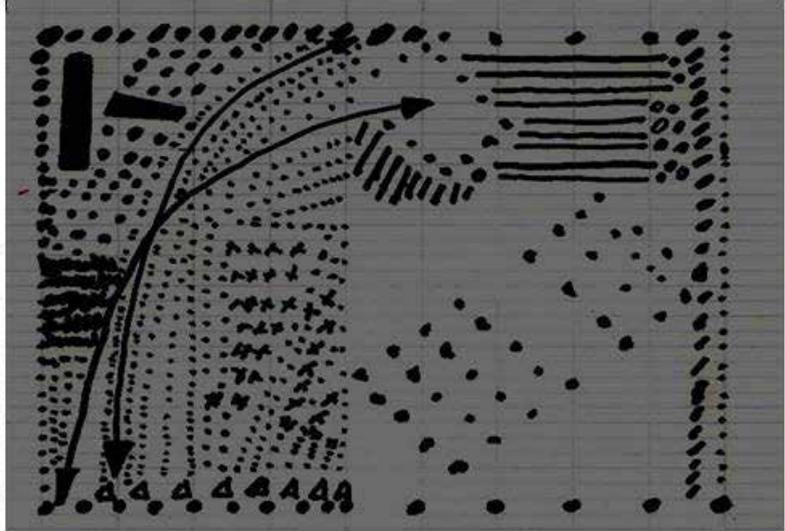
Paris, 2003



Lutas da clandestinidade; A fuga



Il souffle vert



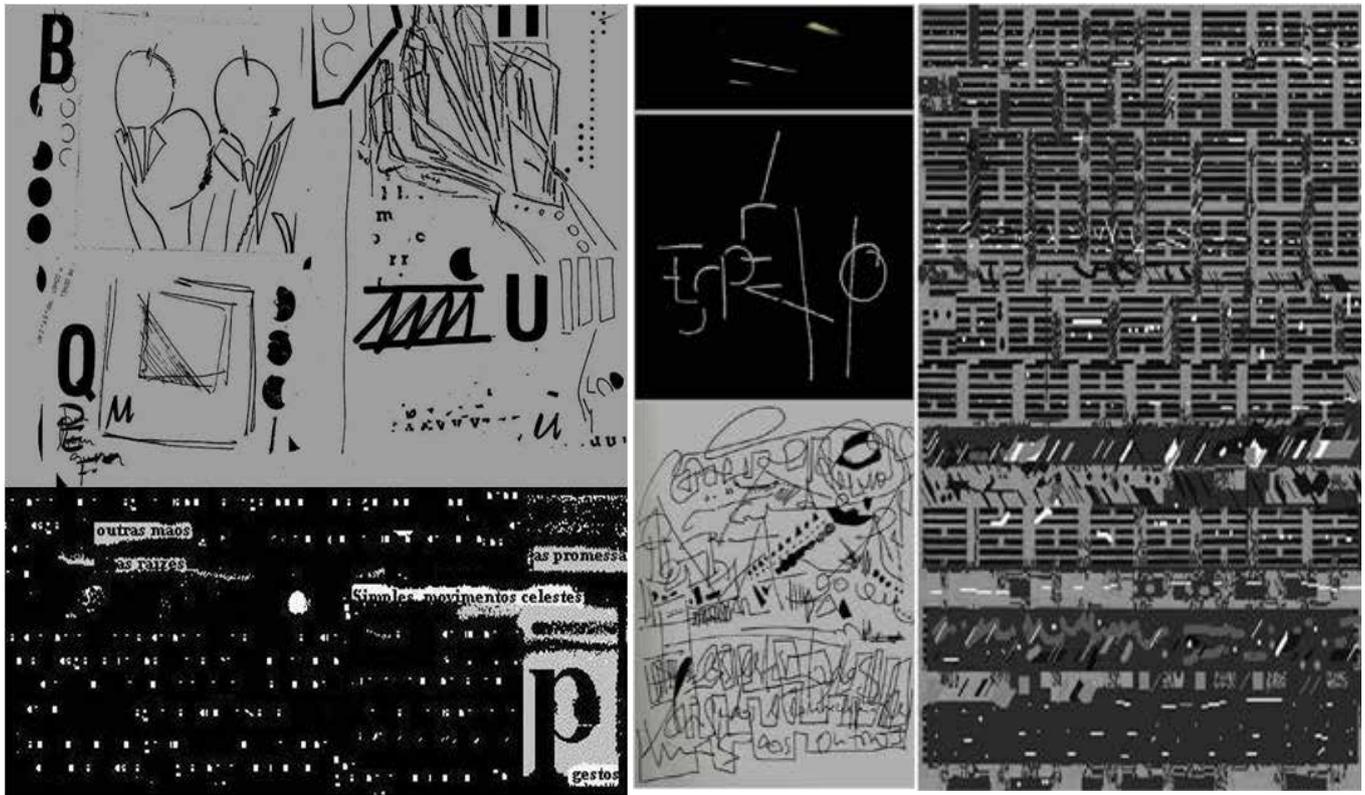
Picotado de Buzeguim (Londres, 1979)



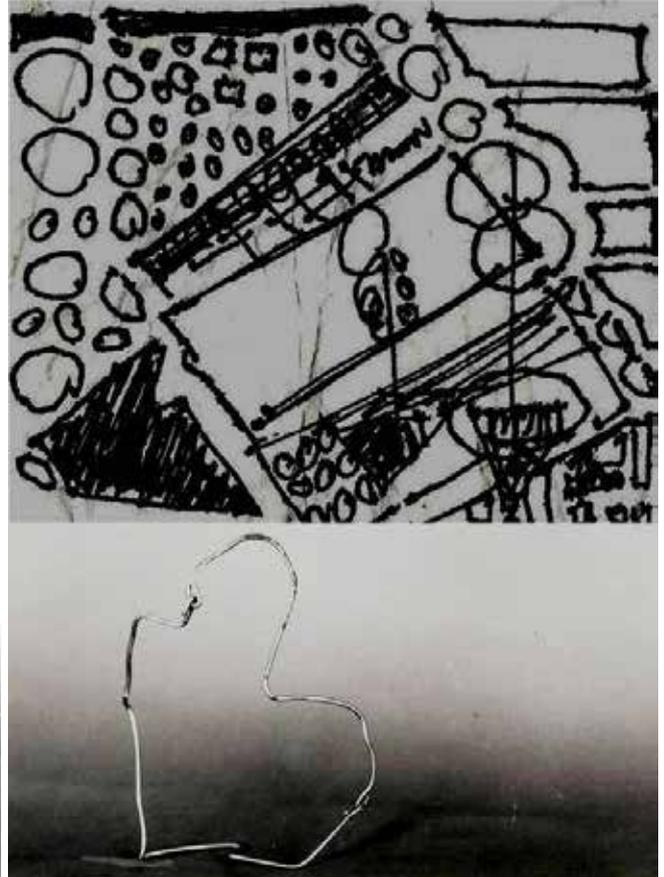
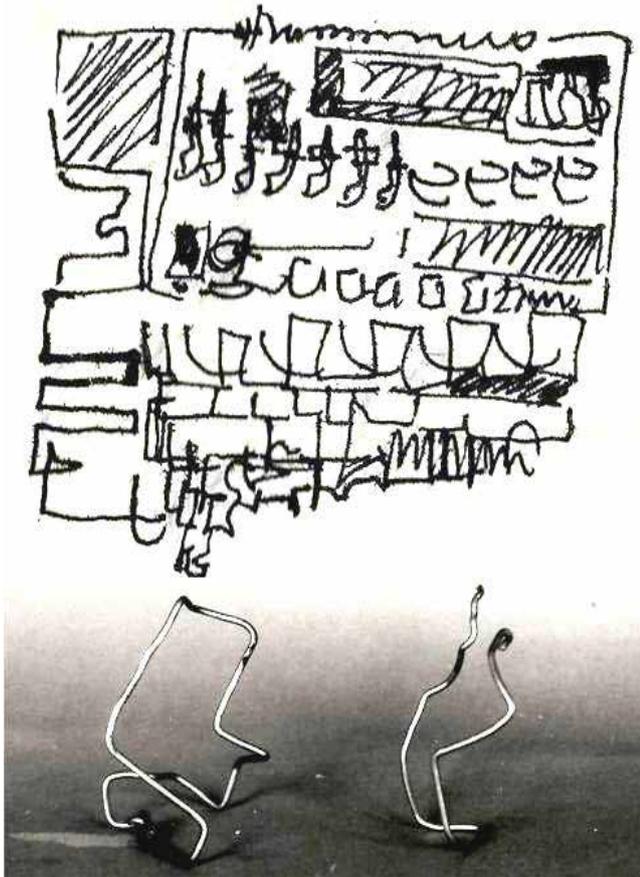
Virtual I; II (Évora, 2003)



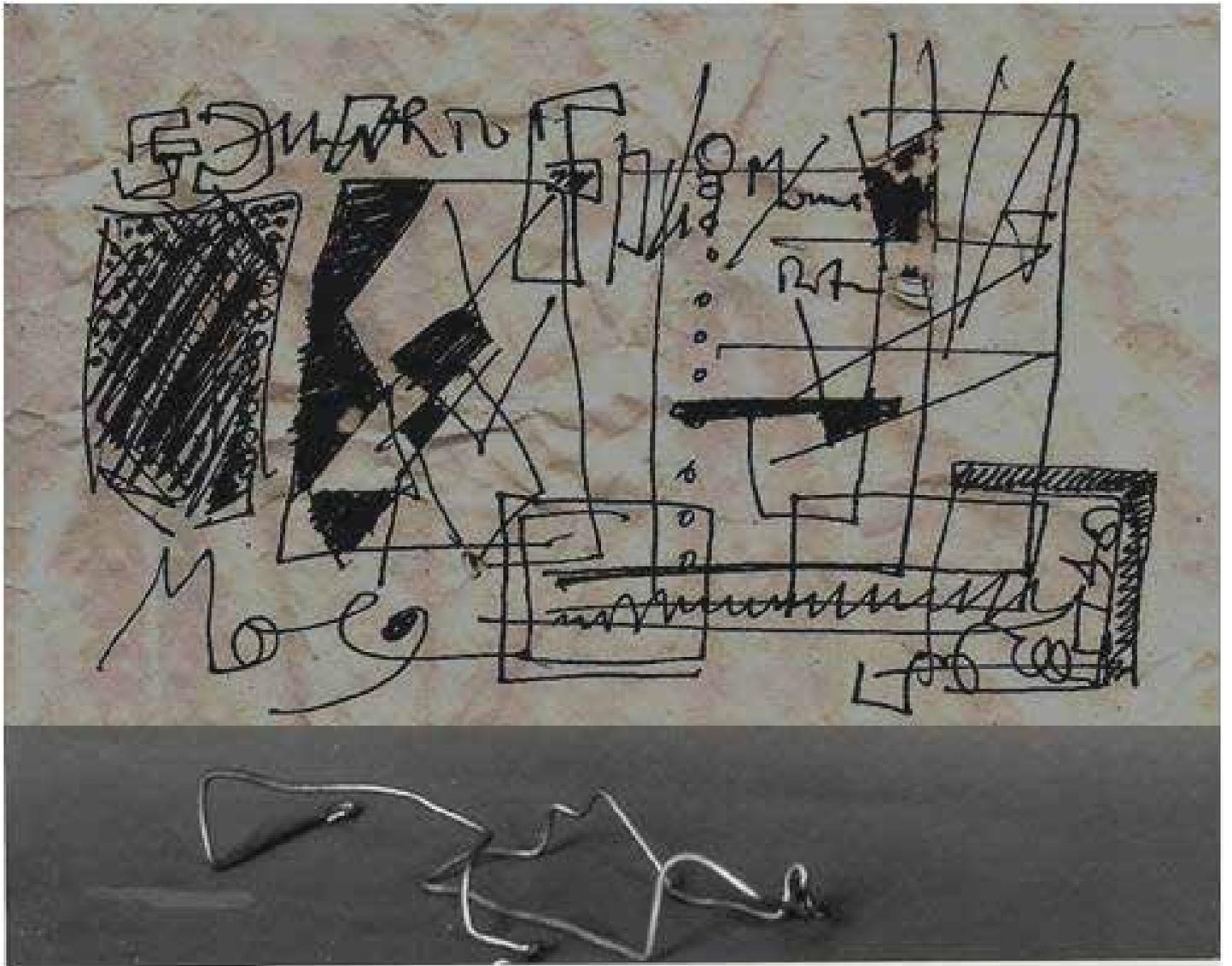
Braçadas até kétama



As outras mãos de um hexagrama depressivo

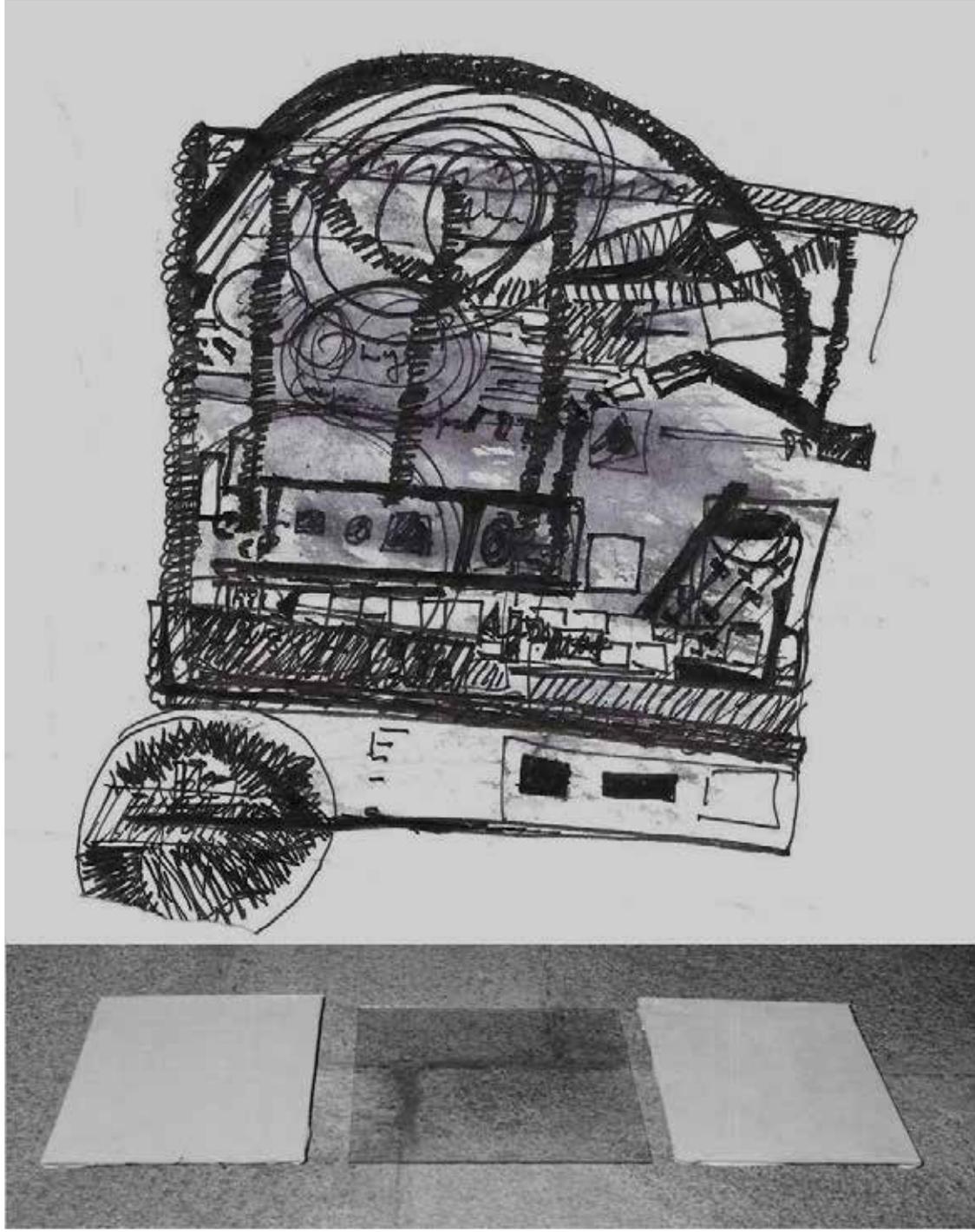


Cartografias do futuro passado



Cartografias do passado futuro

Aro (Évora, 1983; 2009)



Évora, 2011

### **Apontamento Invencionista**

Neste preciso momento de subjetividades insuspeitas, recuso a dolorosa consciência da vacuidade da vida e confronto-a com a criação de uma poética para novos mundos, centrada num regionalismo crítico, que substitua e aniquile as contaminações da racionalidade do não-lugar globalizante. A sensação de viver numa época terminal, de decadentismo, snobismo e diletantismo político, tem de ser combatida com o invencionismo alentejanista.

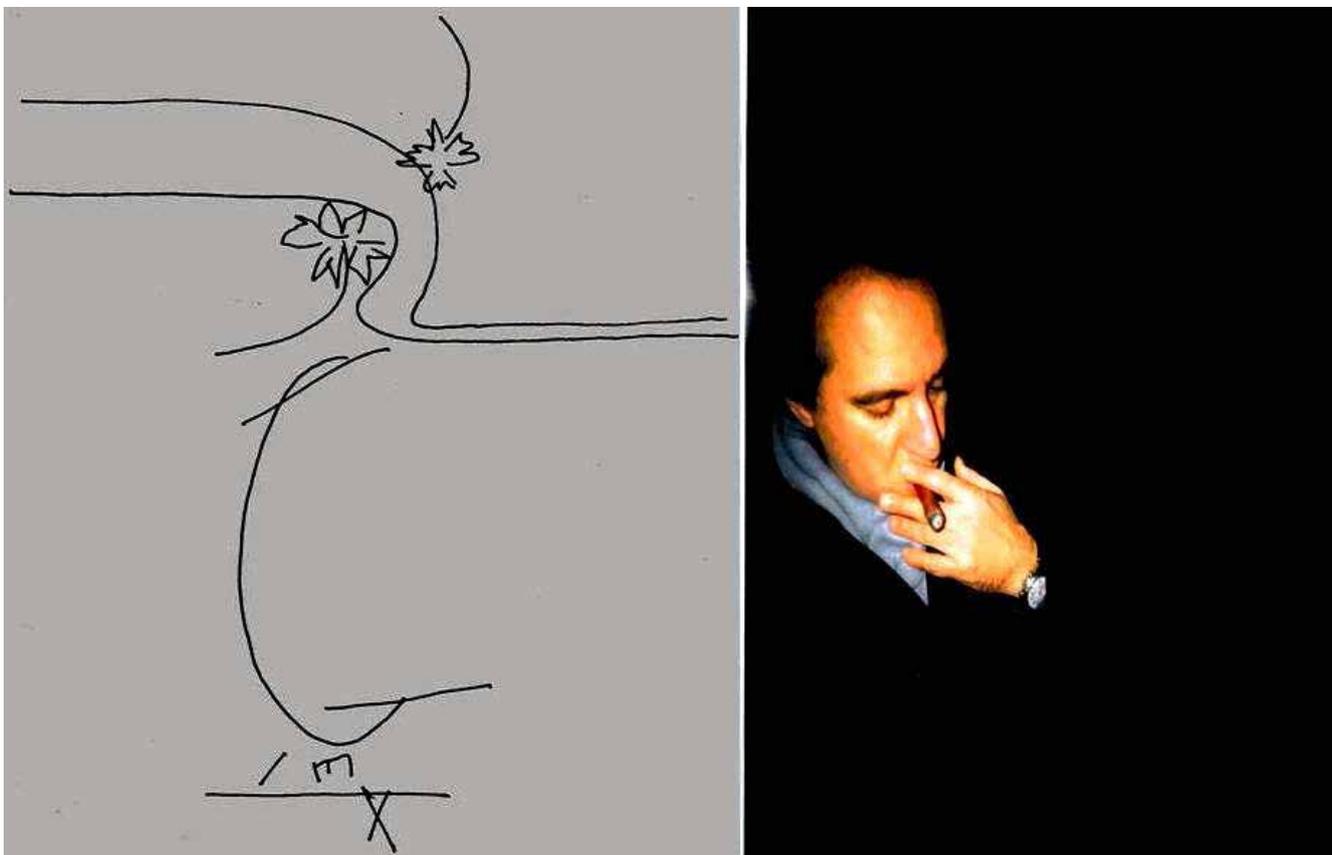
É um processo de objectivos imprecisos, o inverso da expansão global do não-lugar, que sugere que a vida contemporânea tende para a condição de lobby corporativo sob a batuta do curador e o carimbo das agências de notação artística, que apenas mostram quão abrangente se tornou esta percepção de supressão e de ruína. A arte do lugar revê-se na cidadania psicogeográfica das ruas alentejanas, em nome da defesa da diferença individual e no saborear dos gostos diferentes. É um campo de disputa, uma forma tanto mais viva quanto gera uma tensão afetiva fundadora de cartografias emocionalmente

determinadas pelas paisagens e peculiaridades regionais.

O invencionismo alentejano, entende a escrita como um objeto de sentidos, privilegia as descontinuidades e a fragmentação das ideias e das enunciações discursivas. Pode tornar-se hermético quando aborda os traçados vivenciais, mas não ordena os registos da memória num contínuo histórico, não opta por lirismos fáceis, não escreve sobre sentimentalismos amorosos nem filosofias confessionais e discursivas impregnadas de esoterismos descartáveis. As convenções da escrita são desafiadas graficamente, introduz o ultraísmo multimédio e reencarna o passado no presente, numa metamorfose que não respeita a gramática nem a prosódia, prefere a paródia da representação dos objectos da tradição e toma conta das subjectividades do autor. A sua marginal-idade convencionalista ainda, fermenta-se na boémia, no cosmopolitismo das infra-culturas mais execráveis da noite que outorgam as biografias artísticas, desde forçados e fadistas, a poetas e aventureiros, muitos outros marginais de todos os tipos. A odisseia da rua mantém uma escrita etnográfica na primeira pessoa-colectiva que restitui ao tempo o processo de compreensão do lugar universal daqui.

Eu não te quero *mentirosar-me*, mas há frágeis negociações entre o saber local e os detentores dos mapas dos poderes alentejanos, grandes disputas privadas sobre a questão do engajamento na vida política das instituições: é necessário aprofundar as formas e as aquisições heurísticas desse engajamento político no Alentejo. É necessário confrontar o saber local com a política local à luz das experiências do terreno de cada um e de cada qual. No regresso a casa, tu és como uma criança que não sabe trabalhar mas que recusa a farsa pedagógica da manipulação do espírito em nome de boas intenções, sempre duvidosas. Nada é mais perverso que a pedagogia dos capatazes, feitores devassos, mestres-escola *alie-cinados*. Aqui se abre um postigo na porta da complexidade contextual. A aderência ao pensamento abissal que norteia governantes e seus cultores, ou a entrada no desconhecido futuro, o risco da aprendizagem de si, como um outro através da aquisição dos saberes colectivos do local, a adopção entre aceitar a instrumentalização política ou a sua rejeição. A tradução do meu olhar adquire a força do ordinário saber, nem silício , senão

por prazer, nem a auto-censura no trabalho criativo. Ao observar o lento balouçar de um candeeiro durante uma cerimónia religiosa, Galileu, levou os seus trabalhos de mecânica a marcar uma viragem na forma de analisar o comportamento físico dos objectos, e assim deu origem à *Lei do Pêndulo* (1581).



S/ Título com fotografia de Ana Rita Mira (Barcelona, 2000)

## Índice

I - Hotel Siesta .....	pág. 05
II - Entre o Retrato e o Espelho .....	pág. 16
III - Angústia .....	pág. 25
IV - O pião .....	pág. 35
V - Évora .....	pág. 45
VI - Capelas Imperfeitas .....	pág. 61
VII - O Rapaz do Teatro Nacional .....	pág. 75
VIII - Fractura .....	pág. 83
IX - O Carocha .....	pág. 90
X - A Menina .....	pág. 98
XI - Rosa dos Ventos .....	pág. 106



© Feliciano de Mira  
Concepção de Feliciano de Mira  
Diagramação de Rubervânio Lima

Depósito Legal: 356293/13